



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**IDENTIDADE BATE-BOLA
OS 30 ANOS DA TURMA VELHAS DO MUQUIÇO**



Ramon Vellasco Neves

Rio de Janeiro/RJ
2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO
PUBLICIDADE E PROPAGANDA**

**IDENTIDADE BATE-BOLA
OS 30 ANOS DA TURMA VELHAS DO MUQUIÇO**

Ramon Vellasco Neves

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social – Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Dante Gastaldoni

Rio de Janeiro/RJ
2019

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

Termo de Aprovação

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Publicidade e Propaganda.

Aprovado por:

Orientador: Prof. Ms. Dante Gastaldoni

Prof. Dr^a Lucimara Rett

Prof. Dr Márcio Tavares D'Amaral

Aprovado em:
Grau:

Rio de Janeiro
2019

NEVES, Ramon Vellasco.

Identidade bate-bola - Os 30 anos da Turma Velhas do Muquiço / Ramon Vellasco Neves – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2019.

Número de folhas (60 f.).

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2019.

Orientação: Dante Gastaldoni

1. Bate-bola. 2. Carnaval de rua. 3. Periferia. 4. Identidade. GASTALDONI, Dante (orientador) II. ECO/UFRJ III. Publicidade e Propaganda IV. Identidade bate-bola - Os 30 anos da Turma Velhas do Muquiço

UM SALVE PRA GERAL! (AGRADECIMENTOS)

Um salve pra galera consagrada que me atura e me aturou até esse momento.

Um salve pros meus coroas, Nilzete e Nuno, que fizeram todo o corre pra eu estar aonde estou. Mesmo a gente pensando e agindo muito diferente, só tenho a agradecer pela força e preocupação que vocês sempre demonstraram na minha vida e na minha educação.

Um salve pro meu queridíssimo orientador, Dante Gastaldoni, de quem eu ouvia falar muito pelos corredores da ECO e a sua disciplina de Fotografia. Influenciado pela curiosidade e por amigas e amigos que falavam dele, resolvi assistir à sua aula, atrasando o semestre de Projeto I. Mas olha no que deu. Um trabalho com a sua orientação. Muito feliz por te conhecer.

Um salve pra Alinne Kristine, uma das pessoas mais responsa com quem tenho a felicidade de compartilhar a amizade. Já me ajudou em muitos momentos e eu sabia que não seria diferente agora, me acompanhando e trocando ideias sobre o trabalho.

Um salve pra Cecília Cordeiro, que também me ajudou muito conversando, me incentivando e mostrando o lado bom por eu estar dormindo às quatro da manhã, durante esse semestre, e que eu não estava no caminho errado e que ia dar bom em tudo. Muito obrigado!

Um salve pra Cinna e pro Mateus Murucci. Muito obrigado a vocês que me ajudaram em leituras, compartilharam seus trabalhos e conversas, me ajudando a produzir esse troço chamado TCC.

Um salve a todos os bateboleiros e pessoas que contribuíram direta ou indiretamente a esse trabalho. Enéas da sombrinha, Ednaldo e Bruno Magia, Jonas da Bolo-Doido, Jairo Madruga, Vinicinho da Rádio Conflito, Arilson, Ratão Diniz, Fernanda, Gustavo Stephan, (Fa)Bianno, Preta, Rogério e Kauã Gordin e a todos e todas as moradoras do Muquiço, que conversaram comigo e me deram aulas de vivência e total atenção ao meu trabalho.

Um salve pra geral das Velhas do Muquiço, pessoas que fazem a história do carnaval de Marechal e da favela do Muquiço e amam o carnaval. Um salve pro Tanda, pro Rodrigo, pro Vinícius Tininho, pro Mc Camelo, pro Jerônimo, pro MV, pro Xonado e pro Robson.

Também mando um salve em memória à Valda Nogueira que fez seu primeiro ano fotografando turmas de bola-bola e em 2020 continuaria fotografando as turmas de bate-bolas femininas. Tive a oportunidade de poder conhecê-la e trocar uma rápida ideia sobre ser fotógrafo. Agradeço pelo breve momento que tive por ouvi-la.

EPÍGRAFE

“A gente não fotografa apenas sobre pessoas, a gente fotografa com elas.”

Valda Nogueira

-Em memória-

“Se suas fotos não são boas o suficiente, então é porque você não está perto o suficiente.”

Robert Capa

NEVES, Ramon Vellasco. Identidade bate-bola - Os 30 anos da Turma Velhas do Muquiço. Orientador: Dante Gastaldoni. Rio de Janeiro, 2019. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro. 60 f.

RESUMO

O trabalho discute a identidade e a memória da cultura bate-bola, a partir da subjetividade e das impressões dos sujeitos que vivenciam essa manifestação originalmente suburbana. Baseio-me na ideia de memória coletiva, partindo de questões sobre identidade, nos debates de Stuart Hall, Erving Goffman, Ana Enne e Maurice Halbwachs. Também são discutidas influências que existem na relação entre o território e a cultura bate-bola, com provocações de leituras como Nestor Garcia Canclini, Eduardo Galeano, Zygmunt Bauman e Roberto DaMatta. O trabalho também aborda a mídia, a partir de seus discursos e narrativas externas à vivência da cultura bate-bola, influenciando e marcando a manifestação como uma prática superficial e marginalizada, além de discussões fundamentais originadas em diálogos com Michel Foucault, Eduardo Granja Coutinho, Antônio Gramsci e com o conceito de bem-querer do fotógrafo João Roberto Ripper.

Palavras-chave: carnaval de rua, memória coletiva, bate-bola, identidade, mídia, fotografia.

RESUMEN

El documento discute la identidad y la memoria de la cultura del bate-bola, en la subjetividad e impresiones de los sujetos que experimentan esta manifestación originalmente suburbana. Me baso en la idea de la memoria colectiva a partir de cuestiones de identidad en los debates de Stuart Hall, Erving Goffman, Ana Enne y Maurice Halbwachs. También se discuten las influencias en la relación entre el territorio y la cultura bate-bola, con provocaciones de lecturas como Néstor García Canclini, Eduardo Galeano, Zygmunt Bauman y Roberto DaMatta. Además, abordo los medios de comunicación, desde sus discursos y narraciones externas a la experiencia de la cultura bate-bola, marcando la manifestación como una práctica superficial y marginada, así como discusiones fundamentales originadas en diálogos con Michel Foucault, Eduardo Granja Coutinho, Antônio Gramsci y el concepto de bienestar del fotógrafo João Roberto Ripper.

Palabras-clave: carnaval de calle/callejero, memoria colectiva, bate-bola, identidad, medios, fotografía

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 - Tanda, cabeça da turma Velhas do Muquiço.	14
FIGURA 2 - Concentração da turma Velhas do Muquiço. Carnaval 2019.....	22
FIGURA 3 – Turma de bate-bola, em notícia no jornal R7.....	29
FIGURA 4 - Equipe Bruno Magia. Seu Ednaldo e Bruno.....	37

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. BATE-BOLA: A HISTÓRIA DE UMA ENTIDADE.....	16
2.1 A resistência das máscaras na história do carnaval de rua do Rio.....	18
3. IH! O QUE É ISSO? SÃO AS VELHAS DO MUQUIÇO!.....	22
4. TERRITÓRIO BATE-BOLA E REPRESENTAÇÃO MUDIÁTICA.....	26
5. MEMORIAL TEÓRICO-DESCRITIVO.....	35
(o bem-querer como contraponto à violência representada na mídia hegemônica)	
5.1 Sobre o registro visual	38
5.2 Sobre entrevistas e entrevistados	40
5.3 Sobre equipe técnica, equipamentos e cronograma.....	41
5.4 Sobre matrizes teóricas, metodologias e inspirações.....	42
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
7. REFERÊNCIAS.....	46
7.1 Referências práticas.....	50
8. ANEXOS.....	51

1. INTRODUÇÃO

A alma do presente trabalho é fotográfica. E o corpo que essa alma habita é o bate-bola do subúrbio carioca, mais especificamente a lendária turma Velhas do Muquiço, grupo que está completando 30 carnavais este ano. Para dar conta da tarefa desenvolvemos um forte ensaio de fotografia iniciado no Carnaval de 2019, centrado na identidade bate-bola que se esconde por trás da máscara e da fantasia colorida. Claro que as imagens produzidas com este fim foram acompanhadas por diversas pesquisas, as quais não se propõem a produzir uma análise geral sobre a persona bate-bola, nem de uma descrição antropológica do ritual, de maneira que o objetivo aqui não é o de categorizar nem assimilar quais são os bens simbólicos¹ que fazem parte da manifestação cultural dos bate-bolas ou dos clóvis (como também são conhecidos). Contudo, disponibilizaremos uma lista de referências, contendo trabalhos importantes sobre a cultura bate-bola², incluindo pesquisas datadas em diferentes épocas, com diferentes abordagens teóricas e que apresentam registro estético e vivências diversificadas. Para mencionar algumas, as referências estão Alba Zaluar (1978), Roberto DaMatta (1997), Aline Pereira (2008) e Gustavo Coelho (2015). As referências de registro visual, para a parte prática, são de Ratão Diniz, Gustavo Stephan, de Marcus Faustini (2006) e do coletivo Folia de Imagens³.

A partir do referido ensaio fotográfico, pretendo apresentar um olhar mais reflexivo e humano sobre a memória e identidade das pessoas que vivem a cultura bate-bola. É importante destacar que o trabalho se iniciou com a turma Velhas do Muquiço, que não é considerada uma turma de bate-bolas propriamente dita, mas que pela sua história e relação com o carnaval de rua, participa e faz parte da história dos bate-bolas, sendo reconhecida e lembrada por bate-boleiros e moradores do bairro do Muquiço e Marechal Hermes.

A “provocação” para este trabalho partiu do convite feito pelo Tanda⁴, a quem devo o imenso prazer e alegria por estarmos compartilhando conversas e ideias do dia a dia. Porém, apesar de estabelecer um tema e definir o grupo das Velhas do Muquiço para desenvolver o

1 Ver PEREIRA (2008, p. 102)

2 Para além das referências citadas acima, no trabalho de Aline Pereira (2008, p. 15) existem outros trabalhos que, infelizmente, não consegui ter acesso.

3 O coletivo Folia de Imagens é um trabalho pensado por fotógrafos, de diversas regiões do Rio de Janeiro, que decidiram se dedicar ao registro de manifestações culturais populares, registros dos territórios periféricos, suburbanos e favelados da cidade, abordando questões de empoderamento, memória e identidade do território.

4 Tanda é dono de um bar localizado na favela do Muquiço, mestre de capoeira, estudante de Educação Física na UNISUAM, envolvido com trabalhos sociais esportivos com crianças da favela do Muquiço. É o atual cabeça de turma das Velhas do Muquiço e é componente da turma há quase os 30 anos de vida das Velhas. Ele acompanha a turma muito antes de pensar em pegar a responsa como cabeça de turma, desde 1989.

projeto, houve a necessidade de dialogar com outras turmas e pessoas envolvidas com a cultura bate-bola. Portanto, apesar de entender a necessidade de definir um recorte temático para o trabalho, entendi que seria também de grande importância realizar entrevistas e fotos com outras turmas de bate-bola, sem contudo perder a essência e entendimento de que foi a Velhas do Muquiço que me fez circular pelo universo da cultura bate-bola. Assim, cada pessoa com quem venho conversando me ajuda a desvendar um pouco o mistério dessa identidade bate-bola e da memória coletiva que vem sendo criada a partir de uma “simples” fantasia.

Em Carnavais, Malandros e Heróis, DaMatta (1997) reproduz uma citação de Octávio Paz (1976) que me parece importante para fundamentar o presente ensaio: “Mas para que ir procurar na história uma resposta que só nós podemos dar? Se somos nós que nos sentimos diferentes, o que nos faz diferentes e em que consistem essas diferenças?” (1976;23. 1997;17). Ao começar a busca pelas fontes teóricas e históricas, percebi a escassez e a dificuldade de encontrar conteúdo relativo ao fenômeno bate-bola, contudo, durante o processo de pesquisa, foi possível perceber a infinitude de fontes históricas orais ainda vivas, as quais possibilitariam visitar memórias vivas que estão em constante mudança com as vivências da contemporaneidade. Reparei também que não somente a relação da oralidade poderia ser referência para a cultura bate-bola, como também o trabalho de outros pesquisadores e fotógrafos que se aventuraram e ainda se aventuram nesse universo, os quais apresentam uma memória comum de afeto pelo bate-bola. Nas principais pesquisas e referências (Aline Pereira, Gustavo Coelho, Marcus Faustini, Ratão Diniz e Valda Nogueira), encontrei pessoas que têm uma relação de memória afetiva e consideração pela cultura bate-bola, apresentando outras perspectivas sobre essa manifestação popular. Como ilustração, reproduzo a fala do fotógrafo Ratão Diniz, sobre sua lembrança de infância com o bate-bola, em uma roda de conversa no Espaço Retrato:

“Acredito que a Valda também como eu, apaixonado pela cultura bate-bola, que é uma cultura que faz parte da minha infância. Eu acredito que da infância de muitos aqui. E aí eu vivi vendo essa cultura, sai como bate-bola, mas aquele bate-bola de rua mesmo, não como organizado como é hoje de turmas então...eu como um apaixonado por essa cultura e como fotógrafo, decidi reencontrar essa festa que me encanta.” (Gravação de Ratão Diniz da roda de conversa, no Retrato Espaço Cultural, no dia 24/08/2019)

Outra pessoa que apresenta sua memória de infância sobre os bate-bolas é a pesquisadora Aline Pereira:

“Nosso contato com os bate-bolas esteve relacionado durante muito tempo aos carnavais da infância passada no bairro de Paciência, na zona oeste do Rio de Janeiro, na década de 1980. Nesta época, os bate-bolas eram vistos como a maior atração do carnaval local.[...] Se chegávamos perto deles, para cantar nossas provocações, era em desobediência às regras impostas pelos mais velhos[...] As informações sobre sua história, sobre as ‘regras’ de sua brincadeira, ou sobre as localidades onde eles também se manifestariam eram-nos completamente desconhecidos[...] A oportunidade de pesquisa os bate-bolas contemporâneos possibilitou-nos a melhor compreensão de uma manifestação aparentemente familiar, mas também nos confrontou com um universo muito diferente daquele que tínhamos na memória.” (PEREIRA, 2008, p. 10-11)

Sobre esse aspecto comum, reforço a questão da memória coletiva, da identidade e da identificação⁵ pela cultura bate-bola. Um destaque que também gostaria de fazer em relação ao que o Ratão e a Aline têm de memória e identificação com a cultura bate-bola, é uma aproximação ao conceito de *outsider within*⁶, apresentado por Patricia Hill Collins. Para a autora, usar a perspectiva de *outsider* é considerar um olhar mais subjetivo, ao mesmo tempo em que se produz análise objetiva e imparcial sobre as relações sociais em que se está inserido. O motivo de apresentar essa perspectiva do *outsider*, fazendo essa relação entre as minhas referências de pesquisa, a fotografia e a cultura bate-bola, é pelo fato do fotógrafo estar dentro da relação social e da cultura dos bate-bolas, mas também não está diretamente ligado à cultura ou à realidade do grupo, possibilitando um olhar de quem está envolvido nos diálogos e vivências e, ao mesmo tempo, de quem não é reconhecido totalmente dentro da realidade do grupo. Como a própria autora defende, o conceito de *outsider within* pode ser uma boa perspectiva analítica por permitir o distanciamento e a produção de análises objetivas e impessoais das quais tanto a ciência social reivindica.

Outro aspecto que merece ser questionado é a escassez de informação e a falta de pesquisas sobre os bate-bolas no meio acadêmico, enquanto as mídias de comunicação hegemônicas são as que mais produzem conteúdo sobre essa cultura, infelizmente enfatizando discursos e narrativas de violência e terror. Em nossa pesquisa, buscamos apresentar uma perspectiva do bate-bola a partir do estudo da Comunicação e parte da sua complexidade em elaborar discursos, considerando a mídia como uma ferramenta fundamental para construção de imaginários e memórias. Hoje em dia, apesar do enorme contingente de brasileiros que

5 Para entender melhor a relação de identidade e identificação ver SOUZA (2014, p.107). A identificação é construída a partir do reconhecimento de alguma origem comum, ou de características que são partilhadas com outros grupos ou pessoas, ou ainda a partir de um mesmo ideal. É em cima dessa fundação que ocorre o natural fechamento que forma a base da solidariedade e da fidelidade do grupo em questão.

6 É muito importante mencionar que o termo *outsider within* é uma perspectiva pensada por uma mulher negra, sobre mulheres negras, para mulheres negras se identificarem em uma sociedade racista e preconceituosa e não se calarem em expressar suas vivências, pesquisas e trabalhos. Utilizo o termo pela relação entre o *outsider* e o fotógrafo participarem dentro e fora de uma determinada cultura.

ainda não utilizam a rede digital, já é possível considerar os meios de comunicação digital e as redes sociais como o principal acesso à informação. Através de conteúdo das mídias alternativas digitais é muito mais fácil de produzir e apresentar discursos e narrativas contra hegemônicas em relação aos meios tradicionais de comunicação. Como exemplo o canal de YouTube da equipe Bruno Magia⁷; a Rádio Conflito⁸; ou o já citado coletivo Folia de Imagens e também ações individuais de fotógrafos do Rio de Janeiro, com propostas de fotografar manifestações e festas populares da cidade; de diretores de cinema produzindo documentários sobre a vida dos bateboleiros e exibindo e divulgando em suas próprias páginas e mídias digitais, alcançando um público específico; ou de mídias digitais jornalísticas independentes, com abordagens diferentes da mídia tradicional hegemônica, que tentam por outras narrativas valorizar e apresentar a cultura bate-bola fora da perspectiva da violência e do medo.

A rigor, a proposta de registrar o cotidiano das turmas de bate-bolas começou em novembro de 2018, quando conheci o Alexandre, mais conhecido como Tanda. Na época, ele me convidou para fotografar as Velhas do Muquiço no carnaval de 2019, quando o grupo completaria 30 anos de vida. Ao perceber a riqueza das histórias da turma e me envolver cada vez mais no universo dessas pessoas, resolvi iniciar uma pesquisa de campo com outras turmas de bate-bolas, para relatarem suas vivências e olhares sobre a cultura bate-bola, entendendo que essas turmas, mesmo com histórias diferentes, fazem parte de uma mesma manifestação cultural e compartilham de memórias e vivências muito parecidas, ainda com chances de terem se cruzado pelas ruas do Rio de Janeiro. Além das entrevistas com os integrantes das turmas, passei a perceber que os moradores e outras pessoas também constroem e fazem parte desse mundo carnavalesco suburbano, possibilitando diferentes percepções e outras oportunidades de conversar e discutir sobre as relações de memória, território e afeto no universo cultural dos bate-bolas.

7 Trabalho realizado por Ednaldo e Bruno que, desde de 2008, acompanham as saídas de bate-bolas, em várias regiões do Rio de Janeiro.

8 A Rádio Conflito é uma web-rádio que desde 2009 transmite conteúdo somente sobre a cultura bate-bola. Está localizada no bairro de Curicica, Zona Oeste do Rio de Janeiro e é organizada por Vinícius. Para entender o conceito de web-rádio, faço um breve contexto sobre o seu desenvolvimento na comunicação. A web-rádio surge diante do avanço da tecnologia digital em rede e, também, junto ao conceito de comunicação popular e da democratização dos meios de comunicação. Ela acompanha o conceito da rádio comunitária ou rádio popular, contudo, além do vínculo popular/comunitário, também pode ter vínculo comercial, ou seja, ser criada e gerida por uma empresa. O conceito de web-rádio tem o aspecto e a perspectiva da produção e da acessibilidade e distribuição de conteúdo e informação, considerando a facilidade cada vez maior das pessoas terem acesso à informação em material de conteúdo digital. A web-rádio também apresenta um custo bem menor de investimento, em comparação aos grandes meios de comunicação de massa, o que facilita uma pessoa ou coletivo a iniciar uma rádio. Para mais informações sobre comunicação popular, rádio popular e web-rádio.



Tanda, cabeça da turma Velhas do Muquiço. Entrevista na sede da turma, na favela do Muquiço.

A primeira coisa que me veio à cabeça foi tentar entender porque essas pessoas se fantasiavam, mas não pelo sentido descritivo ou querendo respostas generalizadas tais como alegria, felicidade, diversão ou amizade⁹. Como resposta busco os campos da memória e da identidade. O que essas pessoas têm de referências para se entregarem tão fielmente à cultura bate-bola? Por que e quais são os motivos que movem essas pessoas a constituírem uma rede de afeto e sentimentos que agregam sujeitos de diferentes classes sociais, culturais e territoriais, tornando-as iguais por um único motivo – sair pelas ruas do Rio de Janeiro, na época do carnaval, vestidas de uma entidade carnavalesca aterrorizante e misteriosa, ao mesmo tempo encantadora e colorida? Como elas se organizam e se enxergam nessa cultura viva e a percepção de interferência no território e nas relações que existem entre sujeitos e instituições que afetam suas vivências periféricas?

Antes de concluir essas considerações iniciais e apresentar o ensaio sobre os bate-bolas, acho necessário explicar a referência a Robert Capa, em uma das duas epígrafes que abrem o trabalho. Robert Capa foi fotógrafo de guerra, começando sua carreira no início dos anos 1930 e se tornou referência por suas fotografias de guerra e seu estilo de sempre se posicionar muito próximo da ação nos momentos de conflito.

Ao tomar conhecimento da famosa citação de Capa, “Se suas fotos não são boas o suficiente, então é porque você não está perto o suficiente”, passei a apropriá-la e a não pensar na questão da aproximação geográfica/física do fotógrafo com o fotografado, mas sim na aproximação pensando na relação do afeto, em que me coloco na posição de ouvir e

9 Ver Aline Pereira (2008, p. 21)

compartilhar experiências e memórias ou curiosidades e querer saber quem é o fotografado, permitindo que ele se sinta o mais confortável e confiante possível a se mostrar, deixando ser fotografado e exprimindo a sua subjetividade e sua maneira de vivenciar o mundo. Assim penso ressignificar a citação de Robert Capa no âmbito deste meu trabalho, porque aqui pretendo sempre me aproximar das pessoas, entender e ouvir o que significa a cultura bate-bola para essas pessoas e como elas pensam e sentem a vida dentro e fora do universo bate-bola. Nesse sentido do afeto e aproximação com a pessoa fotografada, posso dizer que a apropriação feita sobre a frase de Robert Capa tem base no conceito de bem-querer, de João Roberto Ripper, apresentado mais adiante. Feita a explicação da apropriação da frase de Robert Capa para o trabalho, sigo o trabalho sobre os bate-bolas.

2. BATE-BOLA: A HISTÓRIA DE UMA ENTIDADE

Neste capítulo vamos destacar algumas considerações sobre o processo de construção histórica do bate-bola¹⁰ no Rio de Janeiro e, de maneira geral, explanar algumas ideias para contextualizar a cultura bate-bola. Contudo, apesar de reconhecer a importância da história para compreendermos as condições materiais e simbólicas do nosso tempo, não me prendo aos acontecimentos tradicionais que a história linear tem a oferecer. Como afirma DaMatta: “O ponto é, então, observar que, mesmo numa sociedade historicamente determinada, se podem encontrar valores, relações, grupos sociais e ideologias que pretendem estar acima do tempo.” (1997, p. 26). Roberto DaMatta acrescenta, em seus estudos sociológicos e antropológicos sobre culturas, algumas características que se encaixam no contexto dos bate-bolas, já que a história e a cultura do bate-bola são baseadas na vivência de rua e na troca de conhecimentos da história oral.

“[...] a sociologia comparada tem encontrado em seu caminho sociedades sem o registro de seus principais eventos. Ou melhor, as sociedades que o antropólogo tradicionalmente estuda os têm registrados, mas não na forma de uma “história” - uma sucessão temporal evolutiva, em que um evento antecede a “faz” o outro acontecer - e sim na forma como percebemos como sendo mitos e lendas, sagas e genealogias: formas que, para nós, estão removidas do mundo “real” e se situam nos universos da fantasia precisamente porque tais relatos pretendem ser abrangentes, ficando fora do tempo e englobando o tempo conhecido.” (DAMATTA, 1997, p. 26)

como parte da história dos bate-bolas é construída a partir da narrativa midiática, colocando o bate-bola ora como figura exótica, ora como bandido.

Considerada uma das principais manifestações populares tradicionais da sociedade carioca, os bate-bolas são criaturas sem rosto e sem identidade, mas, mesmo assim, com muita presença física e simbólica, caracterizando-se pelas fantasias que apresentam (até as mais simples) uma áurea que mistura poder, desafio e deboche para quem cruza seu caminho. É provável que tais entidades representem uma das principais afirmações de subversão e diversão que existem no carnaval carioca. Um anti-herói. Subversivo. Suburbano. Que surge para gritar: “Estamos vivos!”

Contextualizando um pouco mais esse grito de resistência da cultura negra periférica na cidade do Rio de Janeiro: “Na verdade, o esforço conjunto das elites e do governo

¹⁰ A cultura bate-bola é muito ampla, existindo muitas fantasias e práticas com especificidades que caracterizam tipos e modelos de bate-bola. Sem contar as fantasias que não são consideradas bate-bola, mas fazem parte da tradição da manifestação como as próprias Velhas do Muquiço. Por considerar um tema extenso demais, indico ler o trabalho de Aline Pereira (2008), que analisa a manifestação cultural dos bate-bolas em nossa atual contemporaneidade.

oligárquico da Primeira República ia no sentido da contenção das assim denominadas ‘classes perigosas’, especialmente no tocante à sua herança africana. Contudo, (...) a presença negra foi, pouco a pouco, se fazendo sentir na cidade.” (REIS, 2003, p. 242; AGOSTINHO, 2014, p. 70). Para complementar o texto acima, destaco a fala de Fabiano, cabeça da turma 11 de bate-bola Bem-feito, gravada durante uma roda de conversa¹² no Retrato Espaço Cultural¹³, onde foram exibidas fotos do fotógrafo Ração de Diniz e da fotógrafa Valda Nogueira¹⁴, sobre a cultura bate-bola:

“Foi uma cultura que começou em Santa Cruz, na época dos ferroviários, que eram tratados como escravos e começaram a usar o carnaval pra protestar. Eles usavam aquele macacãozinho, metade de uma cor, metade de outra e batendo bexiga, protestando sobre os salários que eram muitos baixos naquela época...e até chegar o tempo deles, que eles começaram a botar um trabalho maior, implantando a ideologia deles.” (Gravação de Fabiano na roda de conversa, no Retrato Espaço Cultural, no dia 24/08/2019)

2.1. A resistência das máscaras na história do carnaval de rua do Rio

O bate-bola é uma espécie de entidade que se manifesta somente no carnaval, espalhando medo e alegria, cuja construção imagética atua no imaginário das pessoas que circulam por subúrbios e favelas. Os bate-bolas são figuras vivas desde muito tempo na história do carnaval carioca. A forma como os conhecemos e ficaram famosos pelas notícias midiáticas começam nos anos 1980, porém, sua história pode ser datada desde 1930. Sua origem é sempre um ponto a ser discutido, apresentando uma forte discussão sobre qual bairro é referência e é mais importante para a cultura bate-bola. É consenso que o início da cultura foi no bairro de Santa Cruz / Paciência, dois bairros da zona oeste do Rio de Janeiro.

-
- 11 Cabeça de turma é o responsável pela turma de bate-bola. Geralmente é a pessoa que designa e orienta como será a produção da fantasia da turma, além de organizar as resenhas, os fogos que fazem parte da cultura ou da arrecadação do dinheiro dos componentes e outras responsabilidades. É possível ter mais de um cabeça de turma, onde cada um se torna responsável por alguma coisa, o que faz as decisões ainda mais coletivas e participativas. Contudo, todas as ideias e propostas devem passar pelos respectivos cabeças, para que se possa ter a devida organização da turma.
- 12 Um salve para o Dante que teve a sagacidade de gravar a roda de conversa, vendo que eu não gravava nada e que eu perderia um bom material de trabalho.
- 13 Local situado no bairro da Glória, centro/zonal sul do Rio de Janeiro, com a proposta de sediar ações especificamente para projetos fotográficos.
- 14 Valda Nogueira faleceu em 04/10/2019, em um acidente de trânsito. Fotógrafa periférica negra, nesse ano de 2019 fez seu primeiro registro fotográfico sobre mulheres bate-bolas – talvez a primeira fotógrafa a fazer registro de uma turma de bate-bolas só de mulheres. Também era fotógrafa no coletivo de fotojornalismo independente, FARPA. Foi uma das alunas de Dante Gastaldoni e João Roberto Ripper, da Escola de Fotógrafos Populares da Maré e fez parte do coletivo Folia de Imagens, registrando manifestações culturais de territórios periféricos.

Contudo, para outros, a influência e a maior referência da cultura bate-bola surge na Zona Norte, no bairro de Marechal Hermes e, em seguida, se espalha por outros bairros da Zona Norte, que adotam as fantasias e incorporam essa manifestação, tais como Oswaldo Cruz, Realengo, Madureira e tantos outros bairros do subúrbio.

De acordo com Seu Ednaldo:

“Aqui eu considero como a capital do bate-bola, e a gente começou esse negócio de bate-bola desde sempre, porque sendo Marechal Hermes a capital do bate-bola eu sempre tive envolvido com bate-bola, eu sempre brinquei o carnaval aqui em Marechal e o carnaval de Marechal a referência sempre foi bate-bola. Aqui tudo acontece. Aqui tem mais referência pra tudo... Os maiores divulgadores da cultura estão aqui. Os maiores fornecedores de buá, de casaca, de arte pro bate-bola, os maiores encontros estão aqui, enfim... Quando uma pessoa pensa em montar uma turma de bate-bola, ele vem pra Marechal. Vem pra Marechal e começa aqui, a se informar a procurar saber como faz pra procurar material, procurar mão de obra pra fazer a fantasia.” (Gravação de Ednaldo, na sua casa em Marechal Hermes, no dia 27/07/2019)

Traçando uma rápida linha da perspectiva histórica, podemos encontrar influências vindas da Europa, possivelmente ainda mais antigas que os anos 1930, remontando ao governo do prefeito Pereira Passos que, com a proposta de urbanizar e modernizar o Rio de Janeiro, expulsou ex-escravizados, pessoas pobres e marginalizadas do centro do Rio de Janeiro. O objetivo deste projeto de “higienização” da cidade era permitir que as pessoas de maior poder aquisitivo pudessem circular em segurança pelos espaços privilegiados, estimulando o consumo e afirmando seus hábitos e costumes de elite carioca-europeia, “[...] copiadas de Paris, e representadas pelos bailes de máscaras que, em princípio, seriam restritos à elite burguesa cidade [...] Era necessário ocupar as ruas com seu novo e civilizado carnaval.” (PEREIRA, 2008, p.42)

Sobre esse novo carnaval, a autora faz o contraponto como substituição da brincadeira do entrudo, que era considerada uma manifestação pouco civilizada e rudimentar para as novas relações de civilidade da elite carioca-europeia: “O ar parisiense também foi pensado para a transformação da área central do Rio de Janeiro no início do século XX, causando a expulsão de um grande número de habitantes, que passaram a viver no entorno dessa área central ” (AGOSTINHO, 2014, p. 69)

Apesar de a historiografia apresentar uma política de segregação entre os territórios periféricos e suburbanos com o Centro e a Zona Sul e, também, por essa historicidade ter base teórica e experiências concretas da relação de segregação e afastamentos entre esses espaços e as pessoas que ali vivem, podemos perceber que as turmas de bate-bola não se prenderam só ao seu território, desconsiderando a ideia de que a cultura bate-bola é uma condição fixa em

sua região. Devemos considerar que os componentes, atualmente, podem ser de bairros distantes da periferia, ou podem ser de outros bairros que são da periferia, mas que historicamente não poderiam estar em contato com outra região. A consequência dessa política de exclusão e a falta de recursos e infraestrutura, faz com que a parte da população excluída se aproprie de determinados rituais e bens simbólicos do carnaval europeu, celebrado em terras cariocas. Ao mesmo tempo, incorporam essas práticas aos seus respectivos cotidianos e contextos territoriais e culturais, atribuindo particularidades únicas às fantasias e aos rituais e práticas dos bate-bolas.

“Além de brincar o carnaval à moda francesa, outro projeto pensado pelas elites era a transformação da então capital da República em uma espécie de ‘nova Paris’. Esse projeto começou a ser posto em marcha já nos primeiros anos do século XX, através das reformas urbanas empreendidas pelo prefeito Pereira Passos, que buscaram eliminar os cortiços e as habitações humildes, expulsando a população ‘indesejável’ da área central da cidade, pois o novo Centro da cidade, com sua arquitetura e equipamentos urbanos, deveria ser desfrutado apenas pelas elites (reis, 2003). Ordenava-se assim, quase que ao mesmo tempo, o carnaval e a cidade. Vale lembrar que esse ordenamento era feito não ao acaso, mas segundo um modelo real conhecido e consagrado pelas elites, tanto em seu urbanismo quanto em seu carnaval, no caso Paris. A população expulsa da área central da cidade, impedida também de brincar o carnaval nesse lugar, teve que criar e recriar novas maneiras de se expressar durante a festa, embora as elites continuassem a perseguir ‘as heranças africanas’ da população[...]” (AGOSTINHO, 2014, p.74 - 75)

“É justamente esse entrudo dos negros (e dos pobres) que passou a ser combatido veementemente pelas elites, que temiam o alvoroço causado por esse carnaval, bem como a grande massa que andava mascarada pelas ruas do Rio de Janeiro. Era por meio dessas máscaras, juntamente com as fantasias, que as identidades poderiam ser escondidas[...]” (AGOSTINHO, 2014, p.72)

Desta última citação podemos perceber que a colocação das máscaras, impedindo a identificação das pessoas negras, pode ser considerada inspiração à cultura bate-bola.

Para uma rápida contextualização histórica, o entrudo era uma brincadeira com origem da Europa Medieval, que foi sendo praticada em diversas regiões do Brasil, desde a chegada dos europeus até os tempos da Primeira República. A brincadeira consistia em jogar objetos com os mais variados líquidos, tivessem eles o odor que tivessem (AGOSTINHO, 2014).

Para os autores que estudaram a história do carnaval, essa brincadeira era praticada tanto no espaço público como também nas casas da elite carioca-europeia e apresentava níveis de hierarquização. O entrudo era considerado, segundo Zilmar, “uma festa da inversão, da liberdade”. Contudo, foi no espaço público que houve perseguição das pessoas que praticavam o entrudo, principalmente na época em que se construía uma política higienista

para a cidade, proibindo a brincadeira e criminalizando os ex-escravizados e as pessoas mais pobres e marginalizadas pela sociedade.

Perceber o bate-bola como entidade¹⁵, faz parte da identidade e da memória do subúrbio e da periferia carioca. Afinal, como negar a importância de uma manifestação que pode ser percebida em diversos momentos da história carioca, permanecendo viva até nossos dias? Uma entidade cuja função agregadora se multiplica em tantos lugares, assumindo quase que uma importância de seita. Michel Leiris define bem esse sentimento que associa os bate-bolas a algum tipo de representação de sagrado:

“(...) trata-se de buscar em alguns fatos bem simples, colhidos na vida cotidiana e situados fora do âmbito do que constitui atualmente o sagrado oficial (religião, pátria, moral), se desvendar, através dos mínimos fatos, quais os traços que permitiriam caracterizar qualitativamente o meu sagrado e ajudar a fixar o limite a partir do qual eu sei que não me movimento mais no plano das coisas ordinárias (fúteis ou sérias, agradáveis ou dolorosas), mas que penetrei num mundo radicalmente distinto, tão diferente do mundo profano como são diferentes o fogo e a água.” (LEIRIS, 2017, p.15)

Se considerarmos a época do carnaval, período em que os bate-bolas são lembrados e cultuados nos subúrbios cariocas, chega a ser espantoso como as histórias desses heróis do subúrbio são lembradas e rememoradas. O período de produção nos barracões¹⁶ é aquele em que as ruas, esquinas, praças, vielas e lojas de pequenos comerciantes do bairro começam a falar e pensar no tema bate-bola, como o chamado de algo eminente, que não pode deixar de ser lembrado ou de ter sua chegada ignorada.

15 No dicionário Aurélio. En-ti-da-de – *sf.* **1.** O que constitui a essência duma coisa; ente, ser. **2.** Tudo que existe ou pode existir.

16 Os barracões são onde a turma se reúne para a confecção das fantasias do bate-bola. Geralmente o barracão é um espaço amplo, mas pode ser encontrado no fundo de quintal de uma casa ou, dependendo da condição econômica, pode ser um espaço alugado, servindo somente para a produção das fantasias e do encontro dos componentes – as famosas resenhas. Muitas turmas apresentam um ritmo de produção igual ao de uma escola de samba. Acaba o carnaval e a turma já está pensando em como será a produção do carnaval do ano que vem. Em algumas turmas a produção do bate-bola pode durar o ano inteiro.

3. IH! O QUE É ISSO? SÃO AS VELHAS DO MUQUIÇO!

Aos poucos vamos fechando o zoom no objeto de estudo desta pesquisa, para destacarmos não apenas uma parte das minhas memórias do carnaval, como também a vida e os relatos das pessoas com quem venho trocando ideias há quase um ano. Como já foi dito, a inspiração para o presente trabalho veio da turma Velhas do Muquiço¹⁷, um grupo tradicional da cultura bate-bola, caracterizado pelo uso de sombrinha e bengala, que surgiu na favela do Muquiço há exatos 30 anos, e abrange os bairros de Marechal Hermes, Guadalupe, Deodoro e Vila Militar.

Outra questão que se impõe é responder à pergunta: Por que um registro visual? E a imagem que melhor responde a esta e a outras questões discutidas ao longo do trabalho é esta:



Concentração da turma Velhas do Muquiço. Carnaval 2019. Da esquerda para a direita estão: Robson, Vinícius, Xonado e Kauã (Gordinho); Mc Camelo e Rodrigo (agachados).

Em um primeiro momento não percebi toda a importância do encontro com os bate-bolas. Moradores da favela do Muquiço compartilham uma parte de suas vidas – através das minhas fotografias – na época de carnaval. A foto que faço destaque me fez perceber como essas pessoas se apresentam pelo sorriso, em coletivo. Daí lembrei do papo-reto e dos encantos que eles sentem pela arte do carnaval, com sua solidariedade de grupo e com a forma

¹⁷ A Turma Velhas do Muquiço é identificada em uma categoria conhecida como originalidade, em que a fantasia mantém características originais de sua composição de estética visual. Apesar de não ser reconhecida como uma turma de bate-bolas, ela faz parte da origem da cultura bate-bola em Marechal Hermes e dentro da favela do Muquiço, sendo uma das primeiras a serem reconhecidas na história do bate-bola, junto com a Turma do Índio, a Turma Bolo-doido e a Turma do Cássio. Como mencionado no texto, as Velhas do Muquiço apresentam 30 anos de história que, ao mesmo tempo, acompanha grande parte da história dos bate-bolas no Rio de Janeiro.

como defendem a mesma cultura, apesar das ideias diferentes sobre a vida. E apesar de tudo não escondem suas dores, suas preocupações e seus medos. Olham para seu território e, mesmo reconhecendo os perigos e tristezas que os cercam, continuam a olhar com esperança, acreditando em seus desejos de mudança. Ao decidir trabalhar com eles, sobre eles, percebi o quanto eu compartilhava desses sentimentos e também o quanto tenho de memória sobre o carnaval de rua suburbano do Rio de Janeiro.

Para um melhor entendimento do trabalho, faço aqui um breve contexto das minhas lembranças sobre o carnaval de rua e a história que está sendo construída recentemente com as Velhas do Muquiço. Começo contando como conheci as Velhas, a partir de um processo meio mágico de tempo e momento certo, ou como gosto de pensar, um encontro achado.

Foi a partir de uma saída fotográfica que fiz no centro do Rio de Janeiro, para fotografar futebol e o cotidiano de operários que construíam o novo prédio da ALERJ. Durante quase três meses acompanhando os operários, conheci o Pedrão, morador de Marechal Hermes e cria da favela do Muquiço. Ele me chamou para fotografar o trabalho social de futebol que realiza com as crianças do bairro, e nesse momento acabei conhecendo o Alexandre (Tanda), um dos cabeças da turma das Velhas do Muquiço e o mais velho componente da turma, com quase 30 anos de estrada. Depois fui apresentado a uma parte do bonde: Rodrigo, Vinícius, (Fa)Biano, Rogério, Xonado, Mc Camelo e Gordin (Kauã). Ao saber que eu fotografava, o Tanda me convidou para registrar a saída das Velhas: “Você é fotógrafo? Então tu vai acompanhar nossa saída no carnaval. Nós vamos comemorar 30 anos de história das Velhas do Muquiço. Nós somos lendas vivas. Você vai fechar com a gente?”. E assim começou a relação que venho construindo com as Velhas do Muquiço, que me fez conhecer a famosa história das 620 Velhas no carnaval de 1995, quando um mar de pessoas fantasiadas de Velhas ocuparam um quarteirão inteiro, da praça Washington Vila até o coreto de Marechal Hermes, onde o famoso Seu Magalhães realizava os concursos de bate-bolas. Da história dos fogos que, sem querer, foram lançados e estouraram dentro de uma igreja. Ou da vez que eles expulsaram todos os passageiros de um ônibus, para que parte da turma pudesse seguir seus caminhos de desfile no carnaval. Do momento em que as Velhas bateram de frente com a turma Agonia, uma das turmas consideradas mais violentas do Rio de Janeiro e, por estarem arrumando muita confusão no bairro de Marechal, as Velhas junto com comerciantes e outras turmas de bate-bolas, bateram de frente com a Agonia, expulsando ela do bairro de Marechal e impedindo que voltassem ao bairro em outros carnavais. Também ouvi das lembranças dos amigos que morreram e que admiravam e respeitavam muito o rolé das Velhas. Ou da tradicional brincadeira de quem beija mais mulheres no carnaval, em que

alguns componentes, na época, querendo ganhar, beijaram uma mulher em situação de rua, para ganhar a brincadeira.

A turma Velhas do Muquiço completou 30 anos no carnaval deste ano (2019) e o convite foi feito no final do ano de 2018. Importante destacar que nesse carnaval, as Velhas do Muquiço realizaram seu primeiro desfile na Marquês de Sapucaí, convidados pela escola de samba São Clemente com a ajuda do Enéas como mediador entre a São Clemente e as Velhas do Muquiço. Acompanhei os integrantes durante quase um mês inteiro e fotografei quatro dias de encontro da turma: um fim de semana no pré-carnaval, quando eles ainda estavam organizando o material e pensando como seria o rolé das Velhas. Dois dias do carnaval: andando pelos bairros de Nova Iguaçu, Vila da Penha e Centro. Além de ter saído junto com a turma no ensaio da São Clemente, para ajudar a formar os 10 integrantes obrigatórios de ensaio, ou eles perdiam a oportunidade de desfilar. Nesse dia nós tomamos um banho de chuva, que imaginei as nuvens secando. Também quase morri de desespero, torcendo para minha câmera não molhar, que estava dentro da mochila, protegida por um sacão de lixo que o Tanda arranhou jogado na rua. Também confirmei que realmente não sou bom em sambar. No dia do desfile oficial (sábado), fui beber uma cerveja com o Xonado e o Jerônimo e nós nos atrasamos e nos perdemos da turma. Daí o Jerônimo e o Xonado entraram na Sapucaí à procura do pessoal e eu fiquei de fora, por não estar fantasiado e não ter credencial nenhuma me identificando como integrante das Velhas ou da imprensa. Triste vida de quem gosta de um litrão barato.

Queria também demarcar minha relação com o subúrbio, onde nasci e vivi até os 11 anos de idade, com minha família sendo do Irajá e meus pais moradores da Vila da Penha. Sempre andei pelos arredores e bairros próximos. Ir ao Mercado de Madureira; sentir o cheiro das galinhas; ouvir os bodes ou bezerrinhos; ver as várias representações de entidades em lojas de candomblé e umbanda; ir à feira visitar minhas tias; frequentar o sacolão que tinha perto de casa com a minha mãe; comprar bolinho de bacalhau na Adega D'Ouro, que tinha em Vicente de Carvalho; cortar o cabelo no salão do Memel; jogar videogame na locadora que tinha na estrada do Quitungo; ou brincar na rua em frente à casa da minha vó. Além, é claro, de observar as diversas máscaras e fantasias que surgiam às dezenas durante a época do carnaval, principalmente em Madureira, memória que mais tenho guardada.

Também não posso esquecer que as cores sempre foram algo que me atraíam muito – e ainda atraem. Durante minha peregrinação como acompanhante, filho e descobridor desse grande pequeno mundo chamado Zona Norte, existia algo que chamava muito a minha atenção: as pixações e os graffitis. De cara percebi que a rua seria o mundo que eu gostaria de

conhecer e vivenciar, um mundo que estava tão próximo, de fácil acesso e visibilidade, mas que eu não conhecia nada. Um espaço cheio de significados onde somente quem fazia parte estava ligado no seu proceder. A beleza. A contradição. A pobreza. A violência. A amizade. A cultura de rua.

O que isso tem a ver com os bate-bolas? Quando criança o que consigo lembrar são das máscaras assustadoras, das roupas grandes e estilosas, com muito brilho, cores e detalhes que você não imaginaria um homem usar. Do barulho seco das bolas batendo no chão, anunciando a presença de uma coisa poderosa e desconhecida – e, óbvio, da minha cara de choro e medo vendo esse ser misterioso sem rosto e colorido se aproximar de mim. Também lembro de meus pais me fantasiando de bate-bola uma vez. Outra lembrança vem das pessoas comentando e os jornais noticiando brigas e tumultos no carnaval, por conta das turmas de bate-bolas que saíam às ruas para desfilarem e apresentar beleza e poder que, infelizmente, acabava em conflitos violentos com alguma outra turma rival, fosse por motivos de quem eram os melhores e mais bem produzidos ou por relação ao território e suas facções.

Através da análise de Erving Goffman sobre estigma, percebo que a memória que construímos de representação para identificar o que é um bate-bola é direcionada mais a partir das experiências de observações e leituras subjetivas em relação a esse ser misterioso, se apresentando mais como uma possibilidade em potencial sobre o que o bate-bola efetivamente é. Segundo o autor, “o caráter que imputamos ao indivíduo poderia ser encarado mais como uma imputação feita por um retrospecto em potencial – uma caracterização “efetiva”, uma *identidade social virtual*”. (GOFFMAN, 1988, p. 12). Para Goffman, o estigma é uma relação de identificação imposta em determinados sujeitos, a partir de um atributo ou características diferentes do padrão/normal, ou seja, um atributo estranho, desconhecido ou, até mesmo, perigoso. Portanto, identificar pessoas não identificáveis e colocá-las, impositivamente, em uma determinada categoria de desconhecimento, medo e perigo.

Ao receber o convite do Tanda, as memórias que expressei acima passaram como um furacão por meus pensamentos. Uma energia e alegria me impulsionaram a dizer “sim”, sem pensar nos contratempos nem nos resultados. Foi como colocar o Ramonzinho do passado (criança), de frente para algo que ele tinha muito medo, mas agora enfrentando com tranquilidade e sendo recebido por pessoas que carregam “sorrisos e lágrimas” - trechinho da música do Emicida (EMICIDA. *Sorrisos e Lágrimas* – Doozicabraba e a Revolução Silenciosa, 2011). Surge, enfim, a possibilidade de retirar o véu do desconhecido – ou a máscara do desconhecido – e conhecer quem é essa galera misteriosa sem rosto e sem identidade, trocar ideias, desejos e momentos que eles decidiram compartilhar comigo:

“Parece evidente que tudo o que nos fascinou durante a infância e nos deixou alguma lembrança de uma perturbação semelhante deve ser questionado em primeiro lugar.” (LEIRIS, 2017, p. 15).

A partir das análises feitas até aqui, percebo como que essas pequenas referências do cotidiano me fizeram prestar atenção e dar tanto valor à cultura e à arte popular. De certa forma, mesmo me negando a entrar nesse mundo até os meus 18 anos – por não saber desenhar ou por achar fotografia uma coisa muito chata e por não ter tido nenhuma oportunidade de saber de como fazer parte – não percebia que eu já estava dentro há muito tempo. Observando, questionando, querendo saber e participar dessa relação de amor e ódio.

4. TERRITÓRIO BATE-BOLA E A REPRESENTAÇÃO MIDIÁTICA

Começo esse capítulo com uma fala do Tanda, que não foi gravada, por ter acontecido em uma conversa informal entre nós dois. A visão dele é que nós vivemos em um espaço onde a gente vê amigos, parentes, conhecidos ou vizinhos morrendo, indo pro tráfico, sendo presos; crianças portando armas ou carregando seu irmão/irmã mais novos no colo. E o Tanda conclui sugerindo que “pra gente, isso é normal, porque a gente vive isso e o bate-bola faz parte disso”. Para ele, “a violência que existe no bate-bola é o que não se mostra ou não se fala sobre a nossa vivência, o que não quer dizer que a gente é só isso: existe violência, mas também existe alegria e arte”. Como diz Marcelo D2: “carnaval de rua perigoso e divertido, mas passei por tudo isso, entre mortos e feridos” (D2. *1967 – Eu tiro é onda*. 1998).

Estar na rua é vivenciar a diversidade e as contradições das relações. Acredito que o carnaval, e mais ainda o bate-bola, explana e bota a cara da diversidade em potência nas ruas. As turmas de bate-bolas representam essa realidade por serem parte da vivência da violência das ruas, da favela e da criminalização do povo preto. Mas ao mesmo tempo passa a visão da diversão, da criatividade, e do afeto que existe na favela. Outra citação que marca bem essa relação da violência dos bate-bolas é no trabalho e Aline Pereira: “[...] Em defesa da manifestação, alguns componentes da Turma da Praça abordam a questão da violência como sendo um mal presente no cotidiano do subúrbio, e que surgiria no meio dos bate-bolas como extensão desta realidade.” (2008, p.30)

A relação da violência também é vista de outras maneiras. Alguns bate-boleiros consideram como uma situação isolada de algumas turmas, geralmente a partir das provocações iniciadas sobre que turma tem o bate-bola mais bonito; outros atribuem a violência à própria dificuldade que os cabeças de turma têm em organizar e selecionar quem pode ou não participar e sair no carnaval e acabam admitindo pessoas violentas, sem consciência e visão de que esse tipo de atitude não valoriza a cultura a bate-bola e, portanto, quem pratica a violência não pode ser considerada parta da cultura bate-bola. Para reforçar a questão da identidade do bate-bola e violência, destaco um longo comentário de Fabiano, respeitando a grafia da fala original:

“Eu encaro essa resistência que acontece aí, como uma conquista a cada ano. A cada ano a gente demonstra que não é aquilo. O orgulho que eu tenho disso é muito. Por que? Porque você começa a transformar a visão distorcida que as pessoas têm, com o seu trabalho, com o dia a dia da turma. A pessoa muda completamente, então... a gente tem essa barreira. Quando você chega num lugar que não tem bate-bola, as pessoas se associam logo ao que já passou na mídia, então é um cara dando um tiro,

mas aquele cara ali não sai da favela. Ele tá de bate-bola, mas ele não sai dali não. A gente que tá aqui embaixo, que vai pra todos os lugares, que bota a cara, pra mostrar a realidade do que é, que tem um lado muito bom. Não tem uma mídia que chega na RioTur, ou chega num coreto, ou numa saída de bate-bola... Não vai lá. Tendeu? Eu fui fazer um evento, no Méier, do Leão Etíope, né e nós levamos 15 bate-bolas, criança pra caramba, soltamo fogos no meio dos prédios, na Dias da Cruz, tinha repórter da Globo lá, ficou todo mundo assim: “Nossa, que que isso?”, “Como assim?”. A gente mostrando uma alegria totalmente diversa do que eles estavam acostumados a ver, né, mas eu encaro dessa forma. A cada ano, eu vou fazer 20, 30 anos e a cada ano eu quero mudar essa visão. Por isso que a gente... a gente tenta demonstrar que a gente quer quanto mais fortalecer a cultura. E assim... o meu filho, vai lá pro barracão comigo e começa a pegar uma tinta e passa aqui, aí joga glitter, bate mais um pouquinho assim, não sei o que. Aí eu fico olhando assim eu falei: “tá encaminhado”, tendeu? Então, cada vez a gente tá mais forte, mesmo engatinhando, como o Jonas já disse, a gente tá se fortalecendo e conquistando um espaço maior. Porque assim..., só depende da gente. Ninguém vai chegar e vai falar assim: “não pô, os cara lá não... que isso, não é nada de tiro não, os cara são muito bom, que não sei o que”. Não vai fazer isso. A gente tem a cada ano mostrar” (Gravação de Fabiano na roda de conversa, no Retrato Espaço Cultural, no dia 24/08/2019)

Para entendermos as falas de Tanda e Fabiano, reproduzo a seguir algumas matérias mostrando como a mídia trata o assunto dos bate-bolas e da favela. Para não ser tão extenso, destaquei somente as chamadas das notícias, de diferentes portais midiáticos, sobre o mesmo confronto entre duas turmas de bate-bolas, em Marechal Hermes e Rocha Miranda, zona norte do Rio de Janeiro, neste ano de 2019.

Confusões entre grupos de fantasiados de 'bate-bolas' têm mortos e feridos

“Em uma das brigas, em Marechal Hermes, houve tiroteio com 2 mortos e 4 feridos. Em Rocha Miranda, carro acelerou e atropelou ao menos 5 pessoas; entre elas, um bebê.”

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/03/04/briga-de-grupos-de-bate-bola-tem-tiros-e-atropelamento-no-rio.ghtml>> Acesso em: 04/08/2019.

Preso suspeito de participação em briga de bate-bolas no Rio

“Apontado como líder do grupo, homem já tinha um mandado de prisão preventivo por duplo homicídio qualificado expedido pela Justiça.”

<<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/preso-suspeito-de-participacao-em-briga-de-bate-bolas-no-rio-08032019>> Acesso em: 04/08/2019.

Adolescente morto em guerra de bate-bolas tinha teste marcado no Flamengo

“Kauan Ramiro Antônio, de 14 anos, vendia mate na Praia de Ipanema com o padrasto nos fins de semana e assim conseguiu comprar a sua chuteira: 'O sonho do meu filho acabou', disse padrasto.”

<<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/03/5624500-adolescente-morto-em-guerra-de-bate-bolas-tinha-teste-marcado-no-flamengo.html#foto=1>> Acesso em: 04/08/2019

Conheça os grupos de bate-bola, tradição centenária no carnaval do Rio

Maiores turmas estão nas zonas norte e oeste da cidade, locais onde as fantasias podem custar até R\$ 1,5 mil. Polícia investiga casos de violência e exibição de armas de mascarados.”

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/03/05/conheca-os-grupos-de-bate-bola-tradicao-centenaria-no-carnaval-do-rio.ghtml>> Acesso em: 04/08/2019

Em anos passados o tratamento sobre a cultura bate-bola não foi diferente. Os meios de comunicação de maior circulação e consumo, também trataram os bate-bolas com a mesma representação de violência:

Casos de violência envolvendo bate-bolas assustam cariocas



“Em um dos casos, mais de 150 integrantes de um mesmo grupo foram presos; Um policial foi agredido à pauladas ao tentar impedir um crime.”

<<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/casos-de-violencia-envolvendo-bate-bolas-assustam-cariocas-14022018>> Acesso em: 04/08/2019.

Esta notícia me chamou atenção enquanto pesquisava por referências. Ao observar a imagem que dava continuidade ao título, o primeiro destaque que tive foram os corpos negros apertados e deitados no chão, como uma cena representando de que ali acabara de ocorrer uma execução em massa; ou, outra leitura possível, a sensação de que essas pessoas estão presas em um espaço muito apertado pela forma como o fotógrafo produziu a imagem, deixando pouco ar de respiro nas bordas, dando a sensação de ser um espaço pequeno, querendo transmitir a ideia de que essas pessoas estão em algum tipo de encarceramento.

A notícia de violência e a imagem de corpos negros deitados e fantasias de bate-bolas em um mesmo quadro, possibilita uma leitura tendenciosa de que a maioria dos bate-bolas são pessoas negras. Mas mais que isso, deve-se atentar ao imaginário que se pretende construir sobre estas pessoas. Para quem não conhece a cultura, provavelmente terá uma apresentação e memória distorcida sobre essa manifestação, pois o poder do discurso e da narrativa estão sob o controle de uma instituição com a função de “informar e trazer a verdade”.

Mais de 100 “bate-bolas” são detidos após arrastão no Centro do Rio

“Os Clóvis”, como também são conhecidos, fazem suas próprias fantasias assustadoras de palhaço e frequentemente se envolvem em brigas e assaltos pela cidade.

<<https://istoe.com.br/mais-de-100-bate-bolas-sao-detidos-apos-arrastao-no-centro-do-rio/>> Acesso em: 04/08/2019.

Nesta notícia me chama a atenção o uso da palavra “frequentemente”, tentando provocar a ideia de que a violência entre as turmas de bate-bolas é uma coisa comum em épocas de carnaval.

Uma imersão nas respectivas notícias permite observar que as mídias parecem ter interesse em comunicar somente a violência, apresentando a cultura bate-bola como um momento oportuno de esconder o rosto e causar tumulto, generalizando os integrantes como pessoas mascaradas e fantasiadas, que buscam apresentar poder através da violência e do porte de armas, sem serem identificadas. A esse respeito destaco também as falas do Jonas e Fabiano:

“É chato porque sabe que a violência é um problema social, né. É um problema diário, não é só no carnaval. E como ele falou, Bloco de Ludmilla, Anitta, já saiu confusão também, mas o pessoal vai abafa. Agora, saiu como confusão o subúrbio, tem o bate-bola, prato cheio né. É muito chato isso mesmo. Torcida de futebol, morre um também, vai pra dentro. O baile funk, agora deu uma diminuída, quando morria também alguém e agora ficou o bate-bola. O bate-bola que tá na moda, o carnaval. Acontece isso.” (Gravação de Jonas na roda de conversa, no Retrato Espaço Cultural, no dia 24/08/2019)

Reconhecer que o bate-bola e o carnaval suburbano estão na moda, estão em crescimento constante e ganhando visibilidade e prestígio é, portanto, um motivo para que a cultura sofra com repressões e agressões. Não quer dizer que não existia violência contra a cultura bate-bola antes, mas a novidade é que agora os bate-bolas denunciam e botam a cara para falar e expressar o que os meios de comunicação não mostram e generalizam sobre a cultura, geralmente classificada como uma manifestação violenta. Identificar que a violência é

um problema social, ou seja, que está permanentemente no cotidiano do carioca e principalmente do carioca favelado, é um ponto importante a ser destacado, já que a memória coletiva dessa manifestação é sempre associada às matérias midiáticas, mesmo quando surgem notícias relativamente positivas sobre a cultura.

“Um dos pontos mais importantes que eu acho dessa visibilidade que vocês tão dando, é de mostrar o lado verdadeiro da cultura, porque a mídia ela mostra realmente o que chama a atenção. Porque se você matar uma pessoa vai chamar a atenção, mas se você fizer uma pessoa feliz, você não vai chamar tanto. Tendeu? Eu tenho um projeto na turma, que a gente da 10 bate-bolas de criança, mas a criança tem que tá bem na escola, ela não pode ter problema em casa. Se tiver problema tá fora. Então a gente ajuda, involuntariamente, a ser uma/um cidadão melhor. Tendeu?” (Gravação de Fabiano na roda de conversa, no Retrato Espaço Cultural, no dia 24/08/2019)

O segundo ponto a ser destacado sobre a representação dada pela mídia é a de uma manifestação cultural exótica, sem reconhecer as diferenças históricas de cada território e dos sujeitos que participam dessa manifestação cultural, colocando a cultura do bate-bola como se fosse uma só e representando a fala de poucos em muitos, fazendo esquecer o contexto e a possibilidade de outros pontos de vista sobre a história das turmas e do surgimento do bate-bola, como se toda a relação dessas pessoas e da entidade bate-bola existisse somente durante os quatro dias do carnaval. Por que não pautar a influência econômica que o bate-bola gera para o seu território, circulando dinheiro e emprego, mesmo que informal, para as pessoas que dependem do carnaval para sobreviver?

“O que a gente emprega...assim...informal. O que o Jonas tem de costureira, pra (?) fazer as coisas deles, o que eu tenho das minhas. A gente vê muita coisa, a mídia mostrando que vai proibir isso, que agora o pessoal da pipa tá sofrendo, daqui a pouco chega no bate-bola. Mas a gente é...o que a gente gira de grana, impostos, o que a gente emprega de pessoas...eu tenho 6 costureiras, por fora, que trabalham...e precisam disso. Tendeu? Chega essa época agora, elas começam a ligar “e aí Fabiano, tem alguma coisa já pra mim”. Porque? Porque depende do carnaval pra viver. Tendeu? Então... o lado bom é isso. É de você ajudar várias pessoas. É fazer um bate-bola bonito, pra galera se divertir, mas você sabendo que ajudou de várias formas, um monte de gente.” (Gravação de Fabiano na roda de conversa, no Retrato Espaço Cultural, no dia 24/08/2019)

Apesar de não ser uma perspectiva que enfatize a violência, tratar o bate-bola como uma cultura exótica ou tradicional é tratá-lo como uma cultura imutável, impossibilitada de ser transformada pelos avanços da modernidade e contemporaneidade, portanto capaz também de afetar outras culturas. Podemos entender que, se os discursos que giram em torno das turmas de bate-bola são o da violência ou do exótico, e não há espaço para as próprias turmas falarem por elas mesmas – quem são, o que são, porque são e como são – então a memória e a

identidade desses sujeitos continuam nas mãos e sob o controle de um determinado grupo, que tem o poder de influenciar e distribuir informações da forma como eles acham correto. Deixo em destaque a fala de Ednaldo, sobre a importância da comunicação para a cultura bate-bola, a partir da sua percepção e experiências práticas como comunicador da cultura do bate-bola.

“...em 2008, que foi quando eu consegui adquirir a minha primeira câmera e aí fomo pra rua e o projeto já tava formado, que seria filmar o que tem de melhor no mundo bate-bola, porque a mídia sempre tava procurando mostrar o lado obscuro do bate-bola e eu falei: “não, eu tenho que ir lá, fazer a minha parte, mostrar o lado bom do bate-bola” e vou pegar a minha câmera e vou mostrar o que a mídia não mostra, vou mostrar o que mundo tem que ver, que o bate-bola é cultura, arte e lazer, é família e tá ai pra divertir as pessoas, pra manter nossa tradição e o bate-bola só existe aqui no Rio de Janeiro, é uma cultura do Rio de Janeiro, então a gente tem que valorizar. Muitas coisas tem que ser valorizada, mas alguém tem que representar nossa cultura. Então nós tamo tentando fazer isso da melhor forma possível...Pelo menos eu acho muito importante o registro de filmagens e fotos e a gente tem feito isso o máximo possível. As vezes pessoas falam: “poxa, você faz um vídeo muito comprido, o ideal seria fazer um vídeo curto, onde seria mais fácil de assistir”. Não, quero o vídeo comprido, quero todos os detalhes, desde o...da sapatilha até o cabelo da máscara. Quero mostrar tudo, pouco a pouco. “Ah! Não tenho tempo de assistir”. Não tem problema, deixa lá. Se algum dia você puder assistir, você assiste. Se daqui há 10 anos, você quiser, tá lá, assiste. Então eu quero mostrar na íntegra. A maioria dos meus vídeos tem, em média, 45 minutos, tem alguns que tem até mais, tem alguns que chega...passam de 2 horas. Aí isso aí que eu quero mostrar. Em duas horas de vídeo, em nenhum momento, eu preciso tá parando a gravação porque sai um tumulto, teve algum problema. Não, o problema, o tumulto, é muito pouco...então é isso que eu quero mostrar, que o carnaval é alegria, arte, é família, é integração, é a pessoa poder interagir com outros...” (Gravação de Ednaldo, na sua casa em Marechal Hermes, no dia 27/07/2019)

Se analisamos estas palavras de uma forma mais acadêmica, acredito que Muniz Sodré, Eduardo Granja Coutinho e Antonio Gramsci aplaudiriam Seu Ednaldo, por pensar a relevância de uma comunicação contra-hegemônica, apesar dele não se colocar, nem pensar necessariamente como intelectual orgânico. Em sua relação de admiração e respeito pela cultura bate-bola, desde os anos 1980, Seu Ednaldo percebeu em 2008 a importância de estabelecer uma comunicação que se colocasse contra ao discurso que a grande mídia vinha produzindo sobre a cultura bate-boleira. Baseado em sua vivência e seu olhar sobre seu território e cultura, ele percebeu que através da comunicação poderia divulgar e possibilitar outra narrativa e sentido para a cultura bate-bola.

Além do entendimento empírico de Seu Ednaldo sobre a comunicação, devemos lembrar que é ela, também, a responsável por construir identidades e estereótipos a partir de representações distorcidas e superficiais, sem considerar as relações simbólicas e concretas que existem em nossa sociedade. Portanto, é muito importante considerar o trabalho de Seu

Ednaldo como parte fundamental de valorização e construção da cultura e identidade bate-bola.

“Obviamente a memória não tem somente o fator da lembrança do passado, mas também da identidade, do reconhecimento e do poder. “Guardar a memória é ser dotado de um conhecimento profundo, diferente do conhecimento superficial partilhado pelo homem comum.” (PEEL 1984, *apud*, ENNE, Ana, 2004, p.103)

Outro destaque é a fala de Fabiano, sobre a criminalização e a reação contra esse sistema que criminaliza pretos, favelados e pobres que fazem cultura e arte: “Não é você não poder ir...ter o poder de ir a qualquer lugar. É você ter o poder de ir contra o sistema. O sistema deles é bate-bola é bandido”. É importante que a mídia entenda que o bate-bola não é uma atividade isolada em um determinado tempo festivo, em que pessoas se fantasiam para tumultuar as ruas, mas sim um complexo sistema afetivo, de memórias e gerações ligadas ao seu território. Por trás das máscaras existem pessoas que carregam suas histórias e vivências da favela – constituindo uma memória coletiva sobre essa manifestação e tudo o que está em volta dela. Ao discutir o poder da comunicação, Coutinho afirma que as mídias “[...] assimilam as falas populares, esvaziando-as de sua historicidade; apropriam-se de seus signos petrificando-os, integrando-os ao sistema de valores da cultura dominante” (COUTINHO, 2009, p. 98).

Para ampliarmos essa ideia para além da fala de Coutinho, também podemos pensar em Foucault discorrendo sobre a produção e o atravessamento dos discursos e como eles constroem tudo o que está em nossa volta, da produção do conhecimento ao entendimento sobre o nosso mundo concreto. Isso envolve o simbólico e o subjetivo, seja do que está dado na realidade, seja daquilo que construímos em nossas realidades a partir do nosso próprio entendimento de mundo e do nosso posicionamento diante das circunstâncias que nos cercam, possibilitando construir ou modificar os discursos que perpetuam em nossa sociedade e nas relações que constituímos como seres coletivos e individuais.

A maior parte do tempo, eles se ligam uns aos outros e constituem espécies de grandes edifícios que garantem a distribuição dos sujeitos que falam nos diferentes tipos de discursos por certas categorias de sujeitos. Digamos, em uma palavra que são esses os grandes procedimentos de sujeição do discurso. O que é afinal um sistema de ensino senão uma ritualização da palavra; senão uma qualificação e uma fixação dos papéis para os sujeitos que falam; senão a constituição de um grupo doutrinário ao menos difuso; senão uma distribuição e uma apropriação do discurso com seus poderes e seus saberes. (FOUCAULT, 2014, p.42)

Ainda sobre a questão da memória, considero o conjunto das construções que são feitas a partir das lembranças entre cada integrante da turma das Velhas e das pessoas que fazem parte do mundo do bate-bola, possibilitando uma série de relações afetivas e de contexto social, de maneira que se constrói uma narrativa e identidade sobre o determinado grupo, seus integrantes e parte da história da manifestação cultural.

“Para se ter uma memória coletiva, é preciso interligar as diversas memórias dos indivíduos que fazem parte do grupo identificado como proprietário daquela memória[...] Cada um elabora a versão mais bela, cujo propósito o deixa mais reconhecido publicamente em termos de valores comuns.” (HALBWACHS 1990, *apud*, ENNE, Ana, 2004, p.103).

Torna-se, pois, importante estabelecer com o grupo uma relação de aproximação e respeito, buscando entender como eles constituem suas narrativas e discursos. O trabalho documental produzido junto à turma das Velhas do Muquiço reflete, em primeiro lugar, aquilo que os integrantes do grupo estão dispostos a narrar. O que será lembrado e o que será esquecido são partes integrantes da própria narrativa documental, bem como preservar os aspectos individuais e coletivos de cada indivíduo e a imagem do grupo. Levanto novamente a importância de um olhar mais humanista, como propõe o fotógrafo João Ripper, em contraponto à cobertura da mídia tradicional e o modo como ela produz narrativas sobre o carnaval de rua e as turmas de bate-bola. Segundo Canclini, quando tratamos de identidade e memória coletiva estamos não só falando do determinado grupo, mas também de toda relação que eles têm com seu território e as pessoas que se envolvem no contexto da manifestação cultural.

“[...]ter uma identidade seria, antes de mais nada, ter um país, uma cidade ou um bairro, uma entidade em que tudo o que é compartilhado pelos que habitam esse lugar se tornasse idêntico ou intercambiável. Nesses territórios a identidade é posta em cena, celebrada nas festas e dramatizada também nos rituais cotidianos[...]” (Canclini, 1998, p.190)

Outra consideração relevante sobre a relação entre o território e suas manifestações culturais pode ser encontrada em Mauro Sá Rego Costa:

“No sistema não ocidental da Festa, temos a criação coletiva, a preparação da Festa como um processo de que participa toda a comunidade, que a produz para seu próprio consumo. Não há nenhuma distância entre produtor e consumidor. Aí não funciona a economia do mercado. Não há produto. Se alguns desses esquemas acabam resultando em produtores – a música popular dos morros cariocas e o Carnaval são exemplo marcante – isso é sentido, é vivido pelas comunidades, na

oposição que se estabelece com suas características originais, como uma situação conflitiva.” (COSTA, 1982, p. 27)

Ao analisarmos, sob a perspectiva de Costa e de Canclini, o posicionamento da mídia hegemônica sobre as identidades e a cultura popular, percebemos como a construção do discurso sobre determinado território e seus integrantes são abordados. Geralmente, quando se trata de um grupo periférico ou marginalizado historicamente, podemos observar a maneira como a matéria narra as pessoas da notícia: em posição sensacionalista da criminalização e da violência; de identidades sendo ocultadas, negligenciadas ou estereotipadas, com abordagem superficial, destacando, quase sempre, situações de extrema precariedade e pobreza. Se analisamos esses e outros pontos pela ótica da mídia hegemônica, podemos perceber a falta de comprometimento com o contexto e as relações históricas e sociais que permeiam a memória coletiva sobre os bate-bolas e o carnaval de rua.

5. MEMORIAL TEÓRICO-DESCRITIVO

(o bem-querer como contraponto à violência representada na mídia hegemônica)

A documentação fotográfica desenvolvida para este TCC tem como principal suporte conceitual o trabalho de João Roberto Ripper, fotógrafo que apresenta uma proposta humanista baseada no que ele chama de “fotografia do bem-querer”. Com o olhar voltado para as camadas populares, pobres e periféricas do Brasil, Ripper vem desenvolvendo uma fotografia que privilegia a dignidade do ser humano através da troca de conhecimentos e dos traços de solidariedade.

Em fotografia, uma coisa é muito clara. Se as pessoas não viram, não existe e, portanto, se não é mostrado, não é conhecido, não faz parte do conteúdo de informações que faz o senso crítico coletivo. Isso acontece com o belo, com a dignidade. (...) Quando um jornalista ou um documentarista consegue ser um elo de bem-querer entre o documentado e quem vê a documentação, resgata a dignidade das pessoas. (RIPPER, <https://imagenshumanas.photoshelter.com/p/o-que-penso>)

Procuro me apropriar da proposta de Ripper, observando as particularidades de cada sujeito e extraíndo daí sua beleza e dignidade, sem perder de vista a questão do estigma e do estigmatizado. Goffman explica o estigma como uma operação de separar os diferentes e “anormais” dos “normais”, uma ação que por vezes mascara os atributos que os sujeitos realmente possuem: “A categoria e os atributos que ele, na realidade, prova possuir, serão chamados de *identidade social real*.” (GOFFMAN, 1988, p. 12)



Equipe Bruno Magia. Seu Ednaldo e Bruno, apresentando o Museu Popular de Quintal da Cultura bate-bola, que fica na casa onde moram, em Marechal Hermes.

Se pensarmos dentro da perspectiva de João Roberto Ripper, podemos concluir, então, que é na comunicação que construímos e revelamos essa relação de dignidade da *identidade social real*, onde os sujeitos podem, de fato, provar quais atributos e características eles possuem. O próprio Erving Goffman explica que “o termo estigma será usado em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos”. Estigma, na visão do autor, seria então “um tipo especial de relação entre atributo e estereótipo.” (GOFFMAN, 1988, p. 13)

Ou seja, se colocamos o estigma como uma relação de linguagem, podemos entender que tudo pode ser estigmatizado ou, ainda, que nada precisa ser estigma. Vai depender do nosso ponto de vista e da relação que construímos nossos discursos e narrativas sobre a realidade em que vivemos e sobre o outro. Nessa perspectiva, parece apropriado para a fotografia do bem-querer, proposta por João Ripper, valorizando um olhar mais delicado e abordando as particularidades e características de determinado grupo de forma mais humana e empática, desconstruindo a ideia do que Goffman apresenta sobre o estigma:

“(…) acreditamos que alguém com um estigma não seja completamente humano. Com base nisso, fazemos vários tipos de discriminações, através das quais efetivamente, e muitas vezes sem pensar, reduzimos suas chances de vida. Construímos uma teoria de estigma, uma ideologia para explicar a sua inferioridade e da conta do perigo que ela representa, racionalizando algumas vezes uma animosidade baseada em outras diferenças[...].” (GOFFMAN, 1988, p. 15)

Em outra fala de Ripper sobre a favela, extraída de uma crônica do Luiz Baltar, podemos fazer uma associação entre a cultura bate-bola e a vivência da periferia sob a ótica da mídia hegemônica:

“Como a gente pode falar de favela se a gente não ouve o povo favelado? É grave quando, editorialmente, há a determinação de que sejam esquecidas a beleza, a alegria e a vida da favela. O que a população não conhece não existe. Eu acho fundamental fazer a denúncia, mas é revolucionário buscar a beleza dos espaços segregados.” (RIPPER, *apud* BALTAR, <https://www.atelieoriente.com/blog/21/3/2019/afinal-o-que-fotografia-popular>)

Fica, pois, a sugestão de que a imagem das turmas de bate-bolas e do carnaval de rua merece uma documentação mais atenta, bem distinta daquela com que os meios de comunicação de massa se relacionam com as manifestações da cultura popular e da cultura de rua. Diante do olhar cuidadoso do bem-querer de Ripper, fica uma primeira percepção sobre os meios de comunicação de massa ou como Gramsci defende, os meios de comunicação

hegemônicos, questionando a forma como eles se posicionam diante do terreno da informação e da identidade.

“É no terreno das ideologias – acionadas/mobilizadas pela comunicação – que se dá a constituição das subjetividades coletivas (...) A luta pela hegemonia, isto é, pela criação e difusão de uma determinada concepção de mundo, tendo como objetivo a conservação ou transformação da estrutura socioeconômica, pressupõe a “construção de um universo inter-subjetivo de crenças e valores”. Implica, portanto, a persuasão e o diálogo, a mediação da linguagem, o “tornar comum” da práxis interativa comunicacional. (COUTINHO, 2008, p.44)

Ao pensarmos sobre o carnaval de rua e a sua natureza de subversão da ordem, da desconstrução de padrões e da inversão da normatização das relações sociais e definições do comportamento hegemônico, acredito que o estigma e a identidade sobre o bate-bola deve ser visto por outro olhar, que seja afastado da repressão, da criminalização e do sensacionalismo midiático. Como coloca Eduardo Galeano, em “A descoberta da América que ainda não houve”, “não é casual que o carnaval – tempo de trégua e vingança, no qual a noite se faz dia e o mendigo, rei – preocupe os regimes repressivos”. (GALEANO, 1999, p.25).

No momento em que os estigmatizados e oprimidos têm a oportunidade de revidar, de criticar e de ocupar os espaços que são cotidianamente proibidos a eles, aí ganha o crescimento da estigmatização da mídia. No carnaval são os bate-bolas (periferia), que detém o poder e aí viram alvo, por existir um sistema estrutural de racismo e de desigualdades históricas e sociais que dão base às relações de poder. Daí os bate-bolas incorporam essa brincadeira do medo, se apropriando de discursos e narrativas negativas sobre a população periférica, e transformam tudo em uma relação inversa, quando subúrbio e favela descem o morro e circulam pelo asfalto, brincando nos mesmos espaços socialmente ocupados pela playboyzada.

A aproximação com Goffman para explicar o estigma como uma identidade construída socialmente, acredito e defendo – a partir da memória e da visão crítica que tenho hoje sobre essa manifestação popular – de que o bate-bola, com sua estética do terror e ao mesmo tempo hipnotizadora e glamourosa, é a figura a abrir os caminhos e dar início à subversão da arte e da manifestação popular de rua que carrega o carnaval. O bate-bola não pede permissão para estar ou para ser algo. Ele surge em coletivo, chega com os fogos, com o funk e as marchinhas, representando a favela e simbolizando a alegria e o poder do povo. Imaginar o barulho das bolas como um ritmo musical, a correria, as danças e brincadeiras expressadas pelos bate-bolas ao se colocarem como os donos da rua. Durante os cinco dias de carnaval, a normatização é a contradição, a subversão, é a imagem “perigosa” que existe no bate-bola. O que seria “anormal” é a pessoa que segue sua vida sem festejar e sem se fantasiar. O “normal”

é o bate-bola, o folião que enche a cara de cachaça ou a mulher que resolve extravasar sexualmente toda a repressão machista que a sociedade impõe sobre seu corpo e suas decisões de vida. Podemos confirmar esse olhar normatizador da contradição na fala do Jonas:

“Chegou o carnaval, o cara não vai sair de bate-bola, ele tá fora do contexto. Ele tem que sair em alguma turma, ele tem que... assim, quem gosta...aí a gente até brinca assim... foi até uma brincadeira que eu fiz...vai sair de aurora. Sabe o que é que é aurora? Sabe não... Sapato alto e bunda de fora. Vai sair de aurora, ficou uma brincadeira assim, pra quem não sai... As vezes o cara arruma uma namorada. Acontece muito isso. Arruma uma namorada. E não, minha mina vai viajar (?)...haaaaam meu amigo, quinta-feira de carnaval tá o cara lá...olhando pra lá e pra cá, caçando uma turma pra sair. Não cara, não vou viajar mais não. Desmanchei. Porque quando chega o carnaval. O que acontece mais isso, o namorado larga pra lá...assim, tem a resistência sim do cara querer sair, o cara quer sair de qualquer maneira... O cara ali é do nosso contexto, o cara não vai botar o bate-bola, ele fica destacado.” (Gravação de Jonas na roda de conversa, no Retrato Espaço Cultural, no dia 24/08/2019)

Dizer que o cara “tá fora do contexto” e que “o cara ali é do nosso contexto, o cara não vai botar o bate-bola, ele fica destacado”, já é uma afirmação de que a pessoa faz parte do cotidiano da favela e que sair de bate-bola é quase como uma obrigação-ritual-necessidade-identidade de quem vive o carnaval suburbano. Outra fala de Jonas que fortalece essa ideia da necessidade de ser bate-bola:

“Eu já sou vovô do Clóvis, né... E tem uma mulecada que chega lá... e no dia, todo mundo quando abaixou a máscara, volta a ser criança, não adianta isso...a emoção...eu tenho pessoas lá da minha turma que tem 60 anos...o Rubinho... tem 60 anos, sai com a gente de bate-bola e é o cara que se diverte mais. É o cara que se diverte mais. Toma conta de todo mundo. As crianças vão com a gente, vai o neto dele, vai todo mundo e...vira uma festa, né.” (Gravação de Jonas na roda de conversa, no Retrato Espaço Cultural, no dia 24/08/2019)

5.1 Sobre o registro visual

Por trás de toda máscara há uma pessoa que carrega memórias e relações de afeto com seus iguais e que espera, ansiosamente, o momento do carnaval para se divertir. Questões subjetivas muitas vezes esquecidas - e provavelmente mais importantes - são desconsideradas quando estas pessoas estão vestidas de bate-bola e passam a ser vistos como seres perigosos, relegados à categoria de grupo violento ou ameaçador.

A importância de um registro visual sobre o bate-bola não é somente estética, mas sim um resgate da memória e da afirmação dessas pessoas como integrantes da cultura popular carioca, permitindo que elas mesmas se expressem e se apresentem como bem entenderem e como se enxergam diante da sociedade.

Um aspecto a ser destacado nessa questão do registro visual aqui realizado é sua oposição ao que vem sendo feito pela grande mídia, quando o tema em pauta é a cultura bate-bola. Nesse sentido, destaco dois pontos de vista sobre o conteúdo que a mídia normalmente apresenta: um deles é o modo recorrente como estes grupos são associados à violência, sem que ela seja destrinchada e muito menos contextualizada em relação às questões de território, subjetividades e condições de poder cultural e social que estão dadas em nossa sociedade. O segundo ponto é a diferença entre a comunicação midiática e a proposta de bem-querer defendida por João Roberto Ripper. Além do Ripper, que formulou o conceito de bem-querer para a fotografia documental, é necessário destacar a importância do trabalho pioneiro de Ração Diniz, que abriu as portas da fotografia documental aos bate-bolas. Ração provavelmente o primeiro fotógrafo a documentar as turmas de bate-bolas sob o conceito de bem-querer.

O objetivo aqui é entender por que um determinado grupo de pessoas mantém essa manifestação. Para tanto é preciso discutir principalmente a questão da memória e da identidade coletiva e subjetiva de cada integrante, utilizando também o debate da mídia e sua influência. Por que fazer parte das Velhas? O que conecta essas pessoas? Como essa memória coletiva, da cultura popular e de rua, se perpetua e se constitui nos dias contemporâneos? Como essa memória coletiva se concretiza nos integrantes e como ela interfere no seu território? E como a mídia interfere nessa memória? Enfim, a ideia que nos move é produzir um trabalho documental sobre a vida e cotidiano dessas pessoas. Um trabalho que nos permita perceber como elas entendem sua relação com o carnaval e, em especial, com a turma das Velhas do Muquiço.

O modelo adotado foi o de documentário participativo ou cinema-verdade, onde a equipe de produção interage junto aos entrevistados para que haja provocações no desenvolvimento e no conteúdo das entrevistas. A escolha desse método de entrevista prevê que quando uma pessoa de fora do contexto dos entrevistados aparece com uma câmera, ela já interfere no cotidiano desses sujeitos, modificando todo o jogo de relações em que elas vivem quando não estão frente a uma câmera. Portanto, posso considerar que essas pessoas não serão totalmente abertas, sem saber se elas escolherão omitir ou destacar detalhes e informações. De certa forma, “o artista do cinema-verdade de Rouch era frequentemente um participante assumido” (BARNOUW, 1974 *apud.* DA-RIN, 2004, p.151). Ainda sobre o conceito do cinema verdade de Jean Rouch e Edgar Morin:

“A expressão ‘intervenção ativa’ define o essencial do modo interativo de representação, em que a presença do realizador é potencializada, ao invés de dissimulada[...]

‘não há um fosso entre um lado e o outro da câmera, mas circulação e troca’”. (MEKAS, 1961 *apud*. DA-RIN, 2004, p.153).

Logo, como pessoa que tem papel ativo e consciente da função como comunicador, não posso desconsiderar minha presença nas entrevistas, percebendo que posso interferir positivamente ou negativamente para com essas pessoas durante a documentação.

5.2 Sobre entrevistas e entrevistados

As pessoas selecionadas para participarem entrevistas foram

- Tanda, o atual cabeça de turma das Velhas do Muquiço;
- Antigos participantes da Velhas;
- Moradores do Muquiço;
- Equipe de audiovisual Bruno Magia, localizada em Marechal Hermes;
- Equipe Rádio Conflito, localizada em Curicica;
- Pessoas que trabalham diretamente na confecção de fantasias das Velhas e de outras turmas de bate-bola;
- Também escolhi entrevistar membros de outras turmas de bate-bola, para entender o contexto dessa manifestação cultural e até mesmo saber se elas têm alguma história/memória envolvendo as Velhas do Muquiço.

Para conseguir estabelecer uma linha de pensamento e aproximar a vivência dessas pessoas com a teoria, organizei uma base de perguntas para conduzir a conversa, apesar de que em cada entrevista existem fatores da imprevisibilidade, fazendo surgir novas questões, possibilitando outros rumos durante as conversas. As perguntas eram, em sua maioria, focadas na questão da memória e da identidade sobre o bate-bola e como essas pessoas se entendem nessa manifestação popular. Tais questões foram pensadas a partir das literaturas que pesquisamos sobre o tema dos bate-bolas. Segue o questionário padrão:

01. Nome / idade / bairro em que mora.
02. Por que se tornou bate-bola?
03. O que é ser bate-bola?
04. O que é bate-bola para você?
05. Quais as turmas de bate-bola em que já saiu?
06. Por onde já saiu com a turma?
07. Já saiu por Marechal?
08. O que você conhece sobre a história dos bate-bolas de Marechal?

09. O que você conhece/lembra dos bate-bolas do Rio de Janeiro?

10. Conhece a turma Velhas do Muquiço?

11. Se não conhece, já ouviu falar de alguma história?

12. Se conhece, qual imagem você pensa/tem dessa turma?

13. De onde você mais tem mais referências sobre os bate-bolas?

14. Quais foram suas motivações para participar da turma de bate-bolas?

Observação: Em grande parte das respostas foram consideradas histórias conhecidas e/ou a vivência da pessoa entrevistada.

5.3 Sobre equipe técnica, equipamentos e cronograma

A equipe para a produção do registro visual foi composta, além de mim, com a colaboração da Alinne Kristine, estudante do curso de Mídias Sociais da UFF. Amiga de muitos anos, Alinne é aquela pessoa em quem posso confiar tanto no trabalho, como também quando estou afundado em minhas questões existenciais. A opção por realizar quase tudo sozinho decorreu da exigência do trabalho em acompanhar as turmas em diversos períodos, seja para fotografar ou realizar gravações e entrevistas em bairros diferentes, sendo necessário organizar uma logística entre a equipe e as pessoas entrevistadas, sem contar os gastos de alimentação e passagem que cada pessoa demanda. Também há a organização dos horários de trabalho, faculdade e vida pessoal. Não deixo de considerar os fatores externos, que não estão sob meu controle, como a mobilidade urbana da cidade, impedindo a facilitação do trabalho, quando se trata de ter uma equipe envolvida. Como exemplo dos fatores externos, apresento o fato do dia 29/07/2019 (segunda-feira), quando marquei uma entrevista com um cabeça de turma em Vicente de Carvalho, mas ele acabou sendo detido na DP da Penha, impedindo a gravação da entrevista naquele dia. Agora, imagina se eu tenho uma equipe inteira indo pra Vicente de Carvalho e não acontece a entrevista? Portanto, apesar do trabalho ser bastante extenso e complexo, decidi realizá-lo quase todo sozinho.

O material utilizado para registro fotográfico e audiovisual foi:

- . Câmera Nikon D3200;
- . Lente Nikon DX 35mm – 1.8 série G;
- . Lente Nikon DX 18-55 – 3.5 / 5.6 série G;
- . Flash Yongnuo;
- . Câmera Canon 60D;
- . Lente Canon 18-105 – 3.5 / 5.6;

- . Microfone direcional externo;
- . Celular para servir de gravador ao microfone direcional;
- . Tripé

Já o Cronograma, obedeceu às duas fases detalhadas a seguir:

Produção documental – Novembro/2018 até Novembro/2019

- . Fotografia – Novembro/2018 até Outubro/2019
- . Pré-produção (organização do roteiro, de equipe e de entrevistados) - Julho
 - . Produção (entrevistas e pesquisa de material) – Agosto até Outubro
 - . Pós-produção (Edição) – Novembro até Dezembro

Produção do TCC – Julho até Novembro/2019

5.4 Sobre matrizes teóricas, metodologias e inspirações

A linha teórica deste trabalho é de abordagem subjetiva e tem como orientação o trabalho e a proposta conceitual de Bem-querer do fotógrafo João Roberto Ripper, até como forma de homenagear sua imensa contribuição à fotografia brasileira e de trazer visibilidade ao debate sobre populações tradicionais e a recorrente exclusão financeira dos setores marginalizados. Atrelado ao conceito de Bem-querer, sigo uma linha teórica híbrida, em que alinho a teoria dos Estudos Culturais às especificidades da turma Velhas do Muquiço, buscando os significados e interpretações subjetivas dos integrantes e das pessoas que participam no carnaval e da manifestação cultural dos bate-bolas.

A **metodologia** do trabalho foi dividida em três partes:

1. Pesquisa de referências sobre outros trabalhos ligados à cultura do bate-bola ou do carnaval suburbano. Sobre o carnaval encontrei algumas literaturas, mas muito poucos artigos ligados aos bate-bolas. Sobre o bate-bola são poucos trabalhos que tratam diretamente sobre eles. Abaixo menciono os trabalhos ligados diretamente aos bate-bolas:

Fotografia:

Ratão Diniz;
 Vincent Rosenblatt;
 Coletivo Folia de Imagens;
 Gustavo Stephan.

Documentários:

Marcus Faustini: Carnaval, bexiga, funk e sombrinha. 2006;
 Ben Holman e Jones Neirin: This is Bate-Bola. 2018;

Gabriel Floro: Bate-bola: O mais bonito. 2018;

Globo News: Especial Bate-Bolas. 2016.

Trabalhos acadêmicos:

Fernanda Moreira: O fascínio poético de Bruno e a fotografia poética como expressão;

Aline Pereira Valadão: Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro;

Aline Pereira Valadão e Luiz Ferreira: Turmas de bate-bolas do carnaval contemporâneo do Rio de Janeiro diversidade e dinâmica.

Gustavo Coelho: Pixadores, torcedores, bate-bolas e funkeiros: doses do enigma no reino da humanidade esclarecida;

Gustavo Coelho: Monstros, rojões, bambus, bolas e o Fundão: encantarias em performances de uma juventude rueira.

Nessa primeira parte da metodologia também iniciei a busca pelas pessoas disponíveis para serem entrevistadas e falar de suas experiências e vivências na cultura bate-bola, em especial sobre a turma Velhas do Muquiço.

2. Pesquisa de campo, obtida através de entrevistas com os integrantes da turma Velhas do Muquiço, moradores da favela e algumas pessoas que apresentem histórias ou memórias sobre a turma das Velhas. O trabalho de documentar essas pessoas foi feito principalmente através de fotografias, para registrar o cotidiano e a prática dessas pessoas ligadas à cultura do bate-bola e suas vivências e, como complemento, em formato de documentário audiovisual.

3. Matrizes teóricas foram sugeridas para sustentar a pesquisa de campo e a pesquisa de fontes. Foi, provavelmente, a etapa mais complexa, pois ela está mais ligada às teorizações que foram utilizadas para sustentar a produção documental e para ajudar a entender outra perspectiva sobre a memória coletiva da cultura bate-bola e suas relações afetivas com a manifestação cultural e as pessoas que estão envolvidas diretamente e indiretamente nessa manifestação popular. Junto a isso, também proponho uma relação de comparação entre algumas notícias midiáticas (online), sobre como o carnaval de rua ou os grupos de bate-bolas eram retratados pela mídia hegemônica, entendendo que a mídia é uma importante ferramenta que interfere na construção dessa memória coletiva, produzindo narrativas e discursos que marginalizam e estereotipam determinados grupos sociais.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Até este exato momento em que escrevo minhas primeiras considerações, a questão da memória ganha relevo quando as palavras mídia ou pesquisa são mencionadas. Alguns cabeças de turma já vieram se queixar comigo sobre a forma como as pessoas que pesquisam a cultura bate-bola costumam direcionar o tema, destacando sempre um determinado grupo, de um determinado bairro, e invariavelmente entrevistando as mesmas pessoas, como se a cultura do bate-bola girasse em torno daquela determinada região e aquelas pessoas dominassem o conhecimento sobre os bate-bolas, esquecendo outros contextos e considerações históricas não menos importantes.

Outro aspecto que chegou a ser considerado um ponto negativo nesta pesquisa e evoluiu consideravelmente ao longo do trabalho foi a escassez de informação. Em boa parte porque várias fontes foram surgindo durante as entrevistas, em especial em forma de memória oral, e a partir dessa convergência de narrativas estabeleceram-se conexões e contribuições, quase todas enfatizando o entendimento sobre estas pessoas não como diferentes e marginalizadas, mas sim como parte do conjunto social que se apresenta da mesma construção discursiva e narrativa sobre essa manifestação periférica.

Apesar das referências serem escassas e apresentarem dificuldades para serem adquiridas (seja por download ou pela compra de livros), todos os trabalhos até agora encontrados foram bastante importantes para esclarecer as relações que regem as turmas de bate-bola, em especial o trabalho da Aline Valadão Vieira, que inspirou a produção do questionário utilizado em nossas entrevistas. Digno de registro também é a constatação de que as relações tecnológicas se aperfeiçoaram, as redes sociais se multiplicaram e a forma de compartilhar informações também se modificou, o que tem permitido a possibilidade de cada vez mais pessoas serem informadas sobre a manifestação cultural dos bate-bolas.

Importante ressaltar que esse trabalho, apesar de destacar aspectos históricos sobre a cultura bate-bola, se debruça sobre o campo da Comunicação e, conseqüentemente, sobre os temas de memória, identidade e periferia, pensando sempre a Fotografia como vetor primordial no papel de comunicar e produzir cultura.

Entre todos os trabalhos coletados até agora como referências, observei que somente nesse TCC – e aí considero importante destacar essa informação – são mencionadas duas mídias alternativas específicas da cultura bate-bola, as quais produzem e divulgam conteúdo que valorize e contemple a forma como os bate-boleiros gostariam de ser representados. As respectivas mídias são (1) a equipe Bruno Magia, recordista em vídeos de bate-bola, formada

por pai e filho e localizada em Marechal Hermes¹⁸ e (2) a Rádio Conflito, uma web-rádio localizada em Curicica. A Magia acompanha diversas turmas de bate-bolas, em época de carnaval e também fora de época, durante as festas promovidas pelas turmas, produzindo material audiovisual, que pode ser encontrado no Facebook e YouTube; a Rádio Conflito ainda carece de um maior conhecimento, uma lacuna que será preenchida com futuras entrevistas porque este trabalho de investigação não se esgota aqui. Diria, inclusive, que está apenas começando.

Cabe ainda destacar o tamanho e o esforço que a documentação e a pesquisa exigidas neste trabalho demandaram e ainda vão demandar, visto que as propostas de análise e as metodologias que utilizamos são muito extensas. Portanto, não tenho dúvidas que a conclusão não será algo definitivo, mas parte de um processo em curso, quem sabe uma futura linha de pesquisa, agregando mais estudos sobre a cultura dos bate-bolas, provocando novas aproximações e mais pontos de vistas sobre o tema, que ainda é pouco estudado e questionado na academia, embora sejam crescentes os estudos acadêmicos sobre a cultura periférica. No campo da fotografia e dos documentários poucos foram os criadores e autores que encontramos, o que me motivou ainda mais a mergulhar na documentação fotográfica que estrutura a pesquisa aqui apresentada. Salve Valda Nogueira! Salve Ratão Diniz! Salve João Roberto Ripper!

18 Seu Ednaldo tinha a meta de transformar uma parte da sua casa em um Museu de Cultura Popular do Bate-bola. Durante anos, ele teve a colaboração de diversas turmas do RJ, recebendo acessórios e fantasias de bate-bola. A ideia de Ednaldo era de divulgar e apresentar o espaço para as pessoas que tivessem interesse em conhecer a cultura bate-bola e um pouco da história do carnaval e do bairro de Marechal Hermes. Infelizmente a casa de Ednaldo pegou fogo e ele perdeu parte das fantasias e acessórios, tendo de entregar a seus respectivos donos o restante do material que não foi afetado pelo fogo. Felizmente, por conta desse trabalho tive a honra e o prazer e ter registrado um pouco do espaço e das fantasias que Ednaldo tanto cuidou. Espero que ele não desista da ideia e perceba a força e a importância dessa iniciativa.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELMAN, Miriam. *Visões da Pós-modernidade. Discursos e perspectivas teóricas*. Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan./jun. 2009, p. 184-217;
- AGOSTINHO, Zilmar Luiz Dos Reis. *O debate entre a cultura popular e a cultura erudita no carnaval carioca*. Textos escolhidos de cultura e artes populares, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 67-89, nov.2014;
- ATELIÊ ORIENTE. *Afinal, o que é fotografia popular*. Disponível em: <<https://www.atelieorient.com/blog/21/3/2019/afinal-o-que-fotografia-popular>>. Acesso em: 23 abr. 2019;
- BARTHES, Roland. *O óbvio e o obtuso: ensaios sobre fotografia, cinema, teatro e música*. RJ; Nova Fronteira, 1990;
- BAKHTIN, Mikhail. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. 2.ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Edunb, 1987;
- BAUMAN, Zygmunt. *Comunidade*. A busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003;
- BOURDIE, Pierre. *La distinción: Criterios y bases sociales del gusto*. Madrid: Taurus, 1998. 594 p;
- BOURDIE, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil S.A, 1989. 281 p;
- BURKE, Peter. *Cultura popular na Idade Moderna: Europa 1500-1800*. São Paulo: Companhia de bolso, 2010;
- BURKE, Peter. *História e teoria social*. 3 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2012;
- CANCLINI, Nestor Garcia. 1998. *Culturas híbridas*. São Paulo, Edusp;
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Diferentes, desiguales y desconectados*. 1 ed. Barcelona: Gedisa, 2004. 215 p;
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Estudo sobre cultura. Uma alternativa latino-americana sobre os Cultural Studies*. (Entrevista) Revista FAMECOS, Porto Alegre, nº 30, agosto 2006, quadrimestral;
- CANCLINI, Nestor Garcia. *Las culturas populares en el capitalismo*. 4 ed. México: Nueva Imagen, 1989. 231 p;
- COELHO, Gustavo. Monstros, rojões, bambus, bolas e o Fundão: encantarias em performances de uma juventude rueira. *Estudos da Presença*, Porto Alegre, v. 8, n. 2, p. 197-218, abr./jun. 2019;

COELHO, Gustavo. Pixadores, torcedores, bate-bolas e funkeiros: doses do enigma no reino da humanidade esclarecida. *Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Tese (Doutorado)*, Rio de Janeiro, p. 1-214, 201. 2015;

COLLINS, Patricia Hill. Aprendendo com a outsider within: a significação sociológica do pensamento feminista negro. *Revista Sociedade e Estado* – Volume 31 Número 1 Janeiro/Abril 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v31n1/0102-6992-se-31-01-00099.pdf>

COUTINHO, Eduardo Granja. *A comunicação do oprimido e outros ensaios*. 1 ed. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2014. 180 páginas;

COUTINHO, Eduardo Granja. *Gramsci: a comunicação como política*. In: COUTINHO, Eduardo Granja; FILHO, João Freire, PAIVA, Raquel (Orgs.) *Mídia e Poder: Ideologia, discurso e subjetividade*. Rio de Janeiro: Editora Mauad X, 2014. 299 páginas;

COUTINHO, Eduardo. *Sobre a crônica carnavalesca*. Lumina, Juiz de Fora, Facom/UFJF, v.7, n.1/2, p. 1-15, jan./dez. 2004;

DAMATTA, Roberto. *A casa e a rua: Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. 5 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997;

DAMATTA, Roberto. *Carnavais, malandros e heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro*. 6 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997. 335 p;

DA-RIN, Silvio. *Espelho partido*. Rio de Janeiro: Azougue Editorial, 2004. 448 p;

ESCOSTEGUY, Ana Carolina. *Os Estudos Culturais*. Disponível em: <<https://www.pucrs.br/famecos/pos/cartografia>>. Acesso em: 14/06/2019;

ENNE, Ana Lucia S. MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL. *INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*, Mato Grosso do Sul, v. XXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, set. 20;

ENNE, Ana Lucia Silva. *O sensacionalismo como processo cultural. ECO-Pós*, Rio de Janeiro, v. 10, n. 2, p. 70-84, jul./dez. 2007;

FACINA, Adriana. Favela, território de sobrevivência e criatividade. Disponível em: <https://www.acesa.com/direitoshumanos/arquivo/cidadania/2014/12/16-favela-territorio-de-sobrevivencia-e-criatividade/> > Acesso em: 07, jul. 2019;

FAUSTINI, Marcus. *Carnaval, bexiga, funk e sombrinha*. 2006;

FLORO, Gabriel. *Bate-bola: O mais bonito*. 2017;

FOUCAULT, Michel. *As palavras e as coisas: Uma arqueologia das ciências humanas*. 8 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. 537 p;

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de Frande, pronunciada em 2 dezembro de 1970. 24 ed. São Paulo: Loyola, 2014;

G1. “*Conheça os grupos de bate-bola, tradição centenária no carnaval do Rio*” <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/03/05/conheca-os-grupos-de-bate-bola-tradicao-centenaria-no-carnaval-do-rio.ghtml>> Acesso em: 04/08/2019;

G1. “*Confusões entre grupos de fantasiados de 'bate-bolas' têm mortos e feridos*” <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/carnaval/2019/noticia/2019/03/04/briga-de-grupos-de-bate-bola-tem-tiros-e-atropelamento-no-rio.ghtml>>. Acesso em: 04/08/2019;

GALEANO, Eduardo. *A descoberta da américa*: Que ainda não houve. 3 ed. Porto Alegre: Editora da universidade / UFRGS, 1999;

GALEANO, Eduardo. *As veias abertas da América Latina*. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012;

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. 1 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 2008. 323 p;

GLOBO NEWS. *Especial Bate-Bolas*. 2016;

GOFFMAN, Erving. *Estigma*: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. 4 ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1988. 158 p;

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002;

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 11 ed. Rio de Janeiro: DP, 2011;

HOLMAN, Ben; NEIRIN, Jones. *This is Bate-Bola*. 2018;

Jornal O Dia. “*Adolescente morto em guerra de bate-bolas tinha teste marcado no Flamengo*” <<https://odia.ig.com.br/rio-de-janeiro/2019/03/5624500-adolescente-morto-em-guerra-de-bate-bolas-tinha-teste-marcado-no-flamengo.html#foto=1>>. Acesso em: 04/08/2019;

Jornal R7. “*Casos de violência envolvendo bate-bolas assustam cariocas*” <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/casos-de-violencia-envolvendo-bate-bolas-assustam-cariocas-14022018>> Acesso em: 04/08/2019; IstoÉ. “*Mais de 100 'bate-bolas' são detidos após arrastão no Centro do Rio*” <<https://istoe.com.br/mais-de-100-bate-bolas-sao-detidos-apos-arrastao-no-centro-do-rio/>> Acesso em: 04/08/2019;

Jornal R7. “*Preso suspeito de participação em briga de bate-bolas no Rio*” <<https://noticias.r7.com/rio-de-janeiro/preso-suspeito-de-participacao-em-briga-de-bate-bolas-no-rio-08032019>>. Acesso em: 04/08/2019;

KALIFA, Dominique. *Das culturas populares à cultura midiática*. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 16, n. 29, p. 89-101, jul-dez. 2014. Professor Doutor em História pela Université Paris 1. Texto traduzido por Maria Lucia Dias Mendes;

LARAIA, Roque De Barros. *Cultura: um conceito antropológico*. 25 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013;

LEIRIS, Michel. Debates do NER, Porto Alegre, ano 18, nº 31, p. 15 – 25, Jan/Jun. 2017;

MACEDO, Marcelo Hernandez; FERNANDES, Artur Seidel; SANTOS, Jenifer Silva dos. *Métodos participativos. Etnografia de um processo de pesquisa*. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v.16, n.32. 2017;

MARCELO D2. *Eu tiro é onda*. Rio de Janeiro: Chaos / Sony Music, 1998. Compact Disk com duração de 52 minutos;

MARTINS, Heloisa Helena T. de Souza. *Metodologia qualitativa de pesquisa*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v.30, n.2, p. 289-300, maio/ago. 2004;

MÓNICO, Lisete S.; ALFERES, Valentim R.; CASTRO, Paulo A.; PARREIRA, Pedro M. *A Observação Participante enquanto metodologia de investigação*;

OLIVEN, Ruben G. *Violência e cultura no Brasil*. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisa Social, 2010, 94p. ISBN 978-85-7982-006-9. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>;

PEREIRA, Aline; FERREIRA, Luiz. Turmas de bate-bolas do carnaval contemporâneo do Rio de Janeiro diversidade e dinâmica. *Visualidades. Revista do Programa de Mestrado em Cultura Visual FAV.UFG*, Goiás, v. 7, n. 2, jul./dez. 2009;

PEREIRA, Aline. Tramas simbólicas: a dinâmica das turmas de bate-bolas do Rio de Janeiro. *Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Dissertação de Pós-graduação*, Rio de Janeiro, p. 1-181, 201. 2008;

SCARTEZINI, Natalia. *Introdução ao método de Pierre Bourdieu*. Disponível em: <<https://periódicos.fclar.unesp.br/cadernos/article/view/5159/42224>>. Acesso em: 14/06/2019 (Bolsista CAPES. Mestranda em Sociologia. Unesp – Universidade Estadual Paulista. Faculdade de Ciência e Letras – Pós-graduação em Sociologia – Araraquara – SP);

SILVA, José Carlos Gomes da. *Juventude, cultura e política. Repensando os Estudos Culturais, revisitando o Hip-Hop*. Projeto História, São Paulo, n. 56, pp. 39-68, Mai.-Ago. 2016;

SILVA, Tomaz Tadeu Da; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: A perspectiva dos Estudos Culturais*. 14 ed. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000;

VELHO, Gilberto. *Arte e sociedade*: Ensaios de sociologia da arte. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1977. 130 p;

VELHO, Gilberto. In: *Individualismo e cultura*: Notas para uma antropologia para a sociedade contemporânea. 8ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar. 2008.

7.1 Referências práticas

Abaixando a máquina (documentário)

Abdias do Nascimento (documentário)

Amanda Oliveira (fotografia)

Ana Cavalcante (fotografia)

Cidade de Deus 10 anos depois (documentário)

Eduardo Coutinho (documentário)

Evandro Teixeira (fotografia)

Folia de Imagens (fotografia)

Gustavo Stephan (fotografia)

Januário Garcia (fotografia)

João Roberto Ripper (fotografia)

Marcel Gautherot (fotografia)

Maria Buzanovsky (fotografia)

Monara Barreto (fotografia)

Nayara Jinkns (fotografia)

Ratão Diniz (fotografia)

Seydou Keita (fotografia)

Thomas Farkaz (fotografia e documentário)

Valda Nogueira (fotografia)

Vincent Rosenblatt (fotografia)

Walter Carvalho (fotografia)

8. ANEXOS
Equipe Bruno Magia



Ednaldo



Bruno

Rádio Conflito



Vinichinho Conflito

Enéas das Sombrinhas



Jonas da Bolo-Doido



Jairo Madruga



Velhas do Muquiço











